

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB

FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE

CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

ARACELE DUTRA

DIELEN SOARES

ELISANGELA BARBOSA

IVANOSSA ALVES

MARIA DAS DORES

**A RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE-
APRENDIZAGEM NO DESENVOLVIMENTO DO
EDUCANDO DAS SÉRIES INICIAIS.**

Brasília-DF, 2005

Aracele Dutra

Dielen Soares

Elisangela Barbosa

Ivanossa Alves

Maria das Dores

**A RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE-
APRENDIZAGEM NO DESENVOLVIMENTO DO
EDUCANDO DAS SÉRIES INICIAIS.**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília –
UniCEUB como parte das
exigências para a conclusão do
Curso de Pedagogia- Formação de
Professores para as Séries Iniciais
do Ensino Fundamental – Projeto
Professor Nota 10

Orientador: Ademir Gaspar dos
Reis

Brasília-DF, 2005.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e benção derramadas em nossa caminhada de forma abundante.

Aos mediadores que passaram por nossas vidas, deixando suas contribuições para o nosso crescimento não só como profissional da Educação, mas também para a nossa vida como seres humanos que somos, em especial ao orientador Ademir Gaspar dos Reis que muito nos ajudou na execução desse trabalho, nos incentivando de forma que as adversidades não pudessem nos desanimar.

Aos alunos, que como jardim precisam do jardineiro, serviram durante todo esse processo como verdadeiro estímulo para que a nossa prática alcançasse êxito.

EPÍGRAFE

Faz de conta que sua alma é um útero. Ela está grávida dentro dela a um feto que quer nascer. Esse feto que quer nascer é o seu sonho. Quem engravidou a sua alma, eu não sei. Acho que foi um ser de um outro mundo... Imagino que o tal de “Big-Bang” a que se referem os astrônomos foi Deus ejaculando seu grande sonho e soltando pelo vazio milhões, bilhões, trilhões de sementes. Em cada uma delas estava o sonho fundamental de Deus: um jardim, um Paraíso... Assim, sua alma está grávida com o sonho fundamental de Deus...

Mas toda semente quer brotar, todo feto quer nascer, todo sonho quer se realizar. Sementes que não nascem, fetos que são abortados, sonhos que não são realizados se transformam em demônios dentro da alma. E ficam a nos atormentar. Aquelas tristezas, aquelas depressões, aquelas irritações- vez por outra elas tomam conta de você . aposto que são o sonho de jardim que está dentro e não consegue nascer. Deus não tem muita paciência com pessoas que não gostam de jardins...

RUBEM ALVES

RESUMO

O presente trabalho monográfico propõe uma releitura do papel da afetividade, no desenvolvimento pessoal, nas interações que o indivíduo estabelece com o meio, propondo uma reflexão sobre a prática pedagógica quanto às questões pertinentes a compreensão do desenvolvimento infantil, a relação entre aprendizado e desenvolvimento, as interações de sala de aula e a avaliação escolar. Com o objetivo de desmistificar o tema afetividade em sala de aula destacando sua importância no processo de aprendizagem.

O conhecimento dessa relação no ensino-aprendizagem permitirá ao professor refletir, organizar e realizar atividades que favoreçam um entrosamento, valorizando o outro na constituição da pessoa e respeitando limites é o que se aproxima ser a definição de afetividade. A escola deve promover experiências para mediar a relação das dimensões cognitiva e afetiva.

A proposta metodológica utilizada nesta pesquisa foi por meio de questionário com o objetivo de investigar a opinião dos alunos com relação a seus professores. Também foram utilizados como parâmetro para análise de dados, questionários realizados com os professores ressaltando aspectos que consideram relevantes nos alunos.

O capítulo primeiro apresenta, em linhas gerais, a concepção teórica de Henri Wallon, Vygotsky e Piaget sobre o desenvolvimento infantil, destacando a ênfase da importância do papel da afetividade na construção da aprendizagem da criança.

O segundo capítulo aborda as interações de sala de aula, relação professor-aluno e aluno-professor, dedicando-se ao enfoque sobre a influência da relação afetiva na qualidade do ensino e da aprendizagem.

O terceiro capítulo propõe um estudo sobre a relação entre aprendizado e desenvolvimento. A luz da teoria de Vygotsky sobre Zona de Desenvolvimento

Proximal (ZDP), conduz para a compreensão da importância da mediação pedagógica no processo ensino/aprendizagem.

A avaliação da aprendizagem desde a Educação Infantil é o tema do quarto capítulo. Apresenta aspectos comuns do processo avaliativo que ocorre na escola e em contrapartida, chama a atenção para a influência da relação professor-aluno na avaliação da aprendizagem.

No intuito de perceber como se dá à relação entre afetividade e aprendizagem e em como refletem no processo ensino/aprendizagem, o quinto capítulo relata os resultados obtidos de questionários realizados com professores e alunos da Rede de Ensino Público do Distrito Federal, procurando analisar as interações entre professor-aluno com ênfase no aspecto afetivo e suas implicações na aprendizagem.

Por fim, com base nos questionários realizados com professores e alunos foram colhidas informações sobre a relação professor-aluno e vice-versa, o processo ensino aprendizagem e seu papel para a afetividade. Com base nos resultados obtidos pode-se afirmar que os professores participantes dessa pesquisa não dissociam a aprendizagem da afetividade. O que ocorre é a quantidade de alunos por sala de aula que dificulta ou impede a formação de determinados tipos de vínculos e estabelecem as condições estressantes da situação de sala. O aluno em sua vez vê no professor um veículo para aquisição de conhecimentos, ligando-se a ele com esse objetivo e tendo-o como um referencial de saber, tanto que dele não duvidaria, reconhecendo sua autoridade e dando importância à questão relacional.

PALAVRAS- CHAVE: Afetividade, Aprendizagem, Séries Iniciais.

SUMÁRIO

Introdução :	08
Referencial teórico	11
Orientação metodológica	19
Capítulo 1 – O papel da afetividade no desenvolvimento da inteligência da criança.....	21
Capítulo 2 - A construção de relações afetivas em sala de aula.....	25
Capítulo 3 - Aprendizado e desenvolvimento-mediação pedagógica.....	30
Capítulo 4 - Avaliação: Um olhar sobre o ensino e a aprendizagem desde a educação infantil.....	34
Capítulo 5 - Análise e interpretação dos dados.....	38
Conclusão	61
Bibliografia :	63
Anexos:	
Anexo 1	65
Anexo 2	68

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico propõe uma reflexão sobre o papel da afetividade na prática pedagógica na relação entre aprendizagem e as interações em sala de aula, correlacionando afetividade-inteligência. Partindo desse tema pretende-se entender o espaço do contexto escolar como situação social, construindo relações válidas e importantes no ensino e aprendizagem significativas para o aluno.

A falta de preocupação com a afetividade revela-se como uma cortina no estudo da criança. A escola que continua a margem dos estudos sobre o desenvolvimento infantil, desconhece as relações entre os aspectos afetivos, motor, pessoal e cognitivos, limitando-se a promover apenas esse último.

Devemos estudar a emoção como um aspecto tão importante quanto à própria inteligência e de como ela está presente no ser humano.

A emoção deve ser entendida como uma ponte que liga a vida. É o elo necessário para a compreensão da pessoa como um ser completo. Sabemos que as experiências e os conhecimentos vivenciados na escola possuem um importante significado para o desenvolvimento social e afetivo da criança e o professor como mediador desse processo.

“Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, e sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social”. VYGOTSKY

Pensar sobre a importância das trocas entre parceiros como momentos significativos no processo ensino-aprendizagem remetem, necessariamente, a uma clara

compreensão sobre as implicações das interações de sala de aula. Se o espaço escolar, em específico a sala de aula, é marcado por constantes conflitos, o ensino e a aprendizagem perdem o motivo de ser, torna-se prejudicado. Uma construção coletiva de saberes, resultando num ensino prazeroso e numa aprendizagem significativa remota o educando a relacionar afetivamente com o educador.

A aprendizagem de um aluno, seu comportamento, relação com os colegas e professores é o reflexo das suas emoções. A escola deve preocupar-se com a dimensão social e individual do aluno, ter uma visão holística. Sendo a escola e sala de aula um espaço no qual ocorrem muitas formas de interação, além de ser o lugar onde se desenvolve o processo ensino-aprendizagem deve-se também um espaço onde se constrói situações sociais e troca de experiências entre afetividade e inteligência. Portanto deve-se construir um clima de confiança, baseado na segurança do aluno em relação à aprendizagem e vice versa. Assumir uma postura mais humanista e menos mecanicista com relação ao ensino-aprendizagem mediando, resgatando a auto-estima e a vontade de aprender dos alunos.

Este trabalho tem como objetivo contribuir na busca de um ensino efetivamente de qualidade na compreensão das dinâmicas interativas que ocorrem em sala de aula.

Segundo Rossini (2001) o ato de aprender deve estar ligado ao ato afetivo. É preciso ser gostoso, prazeroso. Configurado nesta dinâmica:

“deve ter qualidades humanas imprescindíveis num educador de hoje: equilíbrio emocional, responsabilidade, caráter, alegria de viver, ética e principalmente gostar de ser professor” (ROSSINI, 2001).

A partir da proposta de estudo deste trabalho, no intuito de propor uma releitura sobre o papel da afetividade no processo ensino-aprendizagem e perceber como se dá a construção de relações afetivas em sala e como reflete no processo ensino-aprendizagem. Procurando analisar as interações entre professor– aluno com ênfase no aspecto afetivo e suas implicações na dinâmica da sala de aula não basta aceitar a afetividade como um aparato das relações com o conhecimento. Atentando para o aspecto afetivo no seu desenvolvimento global é necessário entendê-lo como um aliado a

aprendizagem, afirmar sua ausência é desconhecer a relação afetividade-aprendizagem no desenvolvimento humano.

Devemos estudar a emoção como um aspecto tão importante quanto à própria inteligência e, que como ela, está presente no ser humano. A emoção deve ser entendida como uma ponte que liga a vida orgânica à psíquica. Segundo Ana Rita Silva Almeida:

[...] a criança, quando vai para a escola, escola, leva consigo tantos os conhecimentos já construídos, quanto os prelúdios de sua vida afetiva. Tais aspectos se interpenetram dialeticamente, interagindo de maneira significativa sobre a atividade do conhecimento [...] (ALMEIDA, 1999 p. 13)

A afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento, sendo, assim possibilitar relações afetivas na sala de aula é função pedagógica, portanto está nos limites do que defendemos ser papel do professor. Todo comportamento tem ambos elementos: o afetivo e o cognitivo.

O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo do desenvolvimento. O par razão e emoção perduram a vida toda e seu equilíbrio é sempre precário. O professor deve observar atentamente os indicadores de emoção em seu aluno para racionalizá-la tanto no aluno como em si mesmo. O indivíduo que é racionalizado percebe suas emoções e sentimentos e levam em conta as relações de emoções e sentimentos com o exterior.

Buscando compreender essa relação entre afetividade e aprendizagem e suas contribuições para uma educação de qualidade o presente trabalho monográfico propõe uma abordagem sobre a visão de vários autores que defendem a influência da afetividade na aprendizagem e a necessidade de repensar o fazer pedagógico, para uma melhor compreensão do tema.

REFERENCIAL TEÓRICO

A afetividade é um conceito amplo que, além de envolver um componente orgânico, corporal, emocional e motor, apresenta também um componente cognitivo que são os sentimentos e a paixão. O primeiro componente a se diferenciar é a emoção, que assume o comando do desenvolvimento logo nos primeiros meses de vida, e diferenciam os sentimentos e a paixão.

Nas abordagens sobre o processo de ensino-aprendizagem, observa-se frequentemente a ênfase dada às habilidades cognitivas e motoras, sem se levar muito em conta a importância da afetividade no aprendizado da criança. Essa postura talvez esteja baseada no fato de que os estudiosos sobre desenvolvimento infantil tendem a ressaltar mais os aspectos relativos à aquisição do conhecimento e ao desempenho motor, deixando de lado a relevância dos fatores afetivos no desenvolvimento da criança.

A afetividade é o conjunto funcional que responde pelos estados de bem-estar e mal-estar quando o homem é atingido e afeta o mundo que o rodeia. Wallon enfatiza que esses conflitos provocam transformações. A escola e o professor devem preocupar-se com a criança em sua totalidade, favorecendo seu contato com o meio social. Respeitar o processo de formação da sua personalidade observando e enfatizando as habilidades cognitivas, motoras e afetivas.

Makarenko foi um dos primeiros pedagogos que deu igual peso ao desenvolvimento da pessoa e da sociedade. Ele tinha convicção de que os educadores precisam pautar suas ações em objetivos, executáveis e referentes à pessoa completa.

Makarenko não se prendia a nenhuma forma pré-estabelecida de ação, aplicando a cada situação um tratamento especial. Sua habilidade de perceber o outro lhe permitia aprender os sentimentos e as emoções em função dos quais definia sua atitude, sempre humana e flexível. Entende-se que a teoria pode fornecer as diretrizes básicas no campo das relações humanas, que é o da educação, a ação do educador é um ato singular,

impossível de ser repetido, que cada ser é único e vive num momento que não se repete. É importante ressaltar que a informação dos professores não fique limitada aos livros, mas que tenha o respaldo nas experiências práticas que realizam.

Numa proposta de estudo integrada ao desenvolvimento, HENRI WALLON, estudioso da área médica e psicológica traz sua contribuição à pedagogia, indicando a necessidade de uma educação da pessoa completa, voltada para o desenvolvimento global da criança buscando um entendimento sobre o papel da afetividade no processo de aprendizagem. Wallon insiste que se pode confiar na atividade da criança, em sua criatividade e em sua espontaneidade para investigar, mas que ela precisa de um mestre, exatamente para ajudá-la a utilizar seus próprios recursos. O professor é, portanto, um elemento privilegiado do meio constituinte do seu aluno.

Para Wallon o professor deve conhecer os seus alunos no aspecto não somente cognitivo, mas também emocional, para favorecer um processo de interação entre os pares que possibilite a construção de conhecimentos. O trabalho pedagógico nas séries iniciais deve ser diferenciado, considerando o contexto das crianças, suas histórias de vida, suas características, necessidades e desejos.

Almeida nos apresenta outra implicação da compreensão do conceito de integração funcional de Wallon para o desempenho do papel do professor:

“Wallon, psicólogo e educador, legou-nos muitas outras lições. A nós professores, duas são particularmente importantes. Somos pessoas completas: com afeto e cognição e movimentos, e nos relacionamos com um aluno, também pessoa completa, integral com afeto, cognição e movimento”(ALMEIDA, 2000, p. 86)

O educador e a escola são ferramentas de grande importância e diretamente responsável para que o trabalho interligado entre o domínio afetivo e cognitivo aconteça. Reduzindo confrontos entre a aprendizagem e o comportamento, a criança deve ser observada como ser uniforme, dotada de inteligência, capacidade e iniciativa para fazer diferente como seres atuantes no meio em que está inserido, salientando a influência de questões emocionais e sociais na cognição do educando nas séries iniciais.

É impossível encontrar um comportamento separado, pois, é presente a relação do afetivo e do cognitivo. Em suma de acordo com a teoria Walloniana a afetividade, tanto quanto a inteligência é passível de evolução. Conhecer a trajetória da afetividade do aluno permite ao professor adequar seu planejamento às necessidades afetivas de seus alunos nos diferentes estágios de desenvolvimento. Nos estágios em que predomina a afetividade, a direção do desenvolvimento está voltada para dentro, para a construção da pessoa. Nos estágios em que predomina a inteligência, a direção está voltada para fora, para o outro, para a descoberta, para a investigação e a construção do mundo exterior.

Compreender o desenvolvimento das capacidades intelectuais significa, para Wallon, compreender que o processo de formação do indivíduo inclui necessidades diferentes em cada idade, do próprio corpo, do movimento da afetividade, da cognição. Educar uma criança inclui a necessidade de se pensar num adulto com plena capacidade de agir objetivamente na direção de um mundo melhor.

“O professor desempenha para o aluno, o papel de mediador entre ele e o conhecimento, e essa mediação é tanto afetiva como cognitiva. Ao professor compete canalizar a afetividade para produzir conhecimento, na relação professor-aluno, aluno-aluno, aluno-grupo, reconhecer o clima afetivo e aproveitá-lo para provocar o interesse do aluno [...] na metade da década de 80 o cognitivismo começa a ser criticado, como já haviam sido o behaviorismo e a Abordagem Centrada na Pessoa, no final da década de 70. Torna-se evidente que o fator social e o cultural não podem mais ser deixados de lado pelos psicólogos, e diferentes tendências teóricas vão procurar dar conta desse social ” (MAHONEY, 2002, p. 126).

A professora Abigail Alvarenga Mahoney inicia um curso: “Rogers e a educação”. Em um depoimento Mahoney relata sua atração pelas teorias de Rogers, depois de perceber que em sua formação implicava bastante com ênfase dada ao cognitivo e quando começou a ler Rogers encontrou alguém quem pensava também no afetivo e oferecia recursos ao professor para trabalhar com o lado afetivo que não pode ser ignorado. Rogers respondia muitas coisas, em termos do desempenho do professor e do aluno, Rogers dizia “cuida do afetivo e deixa que o cognitivo vá para frente”.

Mas faltava para o professor ter uma direção para aliar o afetivo e o cognitivo. Segundo Mahoney, Rogers é um autor que não pode ser esquecido. Teve uma contribuição decisiva quando mostrou a importância do lado afetivo. A grande contribuição que fez foi trazer o afetivo para dentro da sala de aula.

Dessas considerações, a atitude de respeito ao professor por ser um constante observador de seu aluno. Observador da criança como uma pessoa completa, integrada, contextualizada em cada um de seus domínios funcionais. O professor pode, então usar de inúmeras técnicas para o aluno racionalizar suas emoções, oferecer situações que permitam representar a emoção. Para racionalizar suas emoções, o professor pode ainda refletir sobre suas próprias emoções, sobre sua ação e a do aluno, antes de uma resposta, dar-se tempo para uma resposta, para uma atitude, permitir que o aluno expresse seus sentimentos.

Piaget foi um autor que não teve como objetivo científico investigar a aprendizagem. Porém nos legou uma concepção de aprendizagem pela assimilação. Posicionou-se defendendo uma inter-relação necessária no desenvolvimento cognitivo, o processo, mais amplo, com a aprendizagem, como assimilação provocada de determinado conceito, inserida naquele processo, mas dele constituindo-se condição necessária (Piaget, 1964).

De alguma forma, as descobertas contemporâneas sobre as interações sociais de crianças como contexto de aprendizagem e elaboração cognitiva, vão ao encontro das expectativas que Piaget descrevia nos anos 30 (Piaget 1935): a escola deveria proporcionar trabalhos e equipe oportunizando a troca de pontos de vista entre os alunos, a relação com o outro, do indivíduo tomar a consciência, de si próprio o indivíduo pensar segundo a perspectiva do outro para construir e obedecer às regras de pensamento. O professor então teria o papel diferente do tradicional, que era apenas de transmissor de conhecimento.

Segundo Piaget embora os fatores afetivos e cognitivos sejam indissociáveis num dado comportamento, eles parecem ser diferentes quanto à natureza. Piaget concebeu a inteligência como tendo dois aspectos: o aspecto cognitivo e o afetivo. As crianças assimilam as experiências e as estruturas cognitivas e o resultado é o conhecimento.

Piaget (1970) propõe que a escola ofereça materiais à criança para que, assimile as realidades intelectuais, a fim de que estas não permaneçam exteriores a sua inteligência. Desse modo, acredita-se que as crianças poderão fazer pontes entre o

conhecimento aprendido na escola e as situações da sociedade. Segundo Ferminio Fernandes Sisto:

“a criança ao ser submetida a um processo de aprendizagem, é capaz de aprender não somente aquilo que lhe é ensinado de forma explícita. Ela vai experienciando uma série de caminhos, até que opta por um que naquele momento ela pensa ser capaz de dar um fechamento ao seu sistema” (SISTO, 1999, p. 111).

Os aspectos cognitivo e afetivo, apesar de diferentes formam uma unidade no processo dinâmico do desenvolvimento psíquico, portanto, é impossível compreendê-los separadamente. É justamente por isso que aponta para a necessidade de uma abordagem unificadora dos aspectos intelectuais e afetivos no estudo do funcionamento psicológico.

Vygotsky (1984) considera que o indivíduo nasce completamente dependente de seu meio social, individualizando-se à medida que vai se tornando autônomo nas suas ações. Essa dependência diz respeito aos cuidados físicos e a constituição psicológica. Assim, o sujeito apropria-se, pelo convívio com outros indivíduos das aquisições desenvolvidas pela cultura que está inserido e torna-se autônomo, individualiza-se, a medida que passa a ter domínio sobre elas. Tais aquisições são representadas pelos costumes, regras, convenções e pelas formas de simbolização daquela cultura.

“Em suma, o indivíduo adquire, na sociedade, as formas de relacionar-se com a mesma, por meio de apropriação dos sistemas, por ela mesma desenvolvidos, incorporando-os como seus”.(SILVA, 1999, p. 42).

Na história da psicologia é comum, ver as diferenças: discurso e ato, corpo e alma, mente e corpo, empirismo e racionalismo, afeto e cognição. Existe uma tendência em estudar essas funções isoladas, como se uma não tivesse relação com a outra, como também nenhuma influência. A cognição é estudada separadamente da memória e esta da aprendizagem e assim sucessivamente (Vygotsky 1991).

Os postulados de Vygotsky parecem apontar para a necessidade de criação de uma escola bem diferente da que conhecemos. Uma escola em que as pessoas possam dialogar, duvidar, discutir, questionar e compartilhar saberes. Onde há espaço para transformações, para a colaboração mútua, respeito e para criatividade. Uma escola em que professores e alunos tenham autonomia, possam pensar, refletir sobre seu próprio processo de construção de conhecimentos e ter acesso a novas informações. Uma escola em que o conhecimento já sistematizado não é tratado de forma dogmática e esvaziado de significado.

Para Vygotsky há uma outra maneira de entender a origem e evolução do psiquismo humano, as relações entre indivíduo e sociedade é, como consequência, um modo diferente de entender a educação: a concepção interacionista.

Nos meios educacionais ainda parece prevalecer a visão de que o desenvolvimento é pré-requisito para o aprendizado. Do ponto de vista da teoria histórico-cultural, isto é uma contradição, já que os processos de desenvolvimento são impulsionados pelo aprendizado. Vygotsky explica que o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento, ou seja, que se dirige às funções psicológicas que estão em vias de se completarem .

Baseados nos pressupostos de Vygotsky, feitas pelo russo Davidov (1988), sobre o tipo de ensino que de fato impulsiona o desenvolvimento das capacidades dos alunos. Afirma que a escola deve ser capaz de desenvolver nos alunos capacidades intelectuais que lhes permitam assimilar plenamente os conhecimentos acumulados. Isto quer dizer que ela não deve restringir a transmissão de conteúdos, mas, principalmente, ensinar o aluno a pensar, ensinar formas de acesso e apropriação do conhecimento elaborado, de modo que ele possa praticá-las autonomamente ao longo de sua vida, além de sua permanência na escola. Essa é, segundo ele, a tarefa principal da tarefa contemporânea frente às exigências da sociedade modernas.

Segundo ele organismo e meio exerce influência recíproca, portanto biológico e social não estão dissociados. O homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas numa determinada cultura. Para Vygotsky as características de cada indivíduo vão sendo formadas a partir da constante interação com o meio, entendendo como o mundo físico e social. Nesse processo o indivíduo ao

mesmo tempo em que internaliza as formas culturais, as transforma e intervém em seu meio. É portanto na relação dialética com o mundo que o sujeito se constitui e se liberta.

“A criança trás para a escola as características de seu ser biológico, psicológico, além das condições materiais e sociais de sua existência. É a partir daí que a escola tem de trabalhar” (MAHONEY, 2002, p. 85).

A partir do momento em que a criança entra na escola, o desenvolvimento infantil adquire um novo rumo. A criança passa assim, a fazer parte de um novo meio e para que haja adaptação a ele é exigida submissão as suas determinações. Desse modo, a escola como todos envolvidos na tarefa de promover a socialização assume um papel relevante no desenvolvimento infantil. E o professor tem uma participação ímpar nesse processo.

“A auto-estima e o autoconceito da pessoa do aluno estão fortemente relacionados a como ele se sente como aprendente. Trabalhar a auto estima significa, então, fazer, com que ele aprenda, perceba que aprendeu, sinta orgulho de ter aprendido, e a partir daí, sinta-se capaz de aprender mais”.(PRANDINI, 2004. P. 38).

Assim nenhum conteúdo é aprendido pela pessoa sem que seja modelado pelos afetos, pelo sentido que a aprendizagem do conteúdo em questão tem para o sujeito aprender. Outro aspecto que o professor deve também reconhecer é que a aprendizagem depende, também das condições orgânicas, estruturais e funcionais do aluno. O professor deve identificar o estágio de desenvolvimento em que seus alunos se encontram e saber o que é possível ensinar a eles nesse momento.

Por isso os professores precisam conhecer os processos de desenvolvimento humano não só no que se refere ao desenvolvimento da dimensão motora, mas também no que abrangem as dimensões afetiva e cognitiva, para conseguir elaborar situações pedagógicas adequadas às características e necessidades dos alunos.

“As experiências afetivas dos alunos podem ser incluídas com conteúdo de reflexão, que pode ser lembrado na dimensão cognitiva, de forma que a criança possa ir alcançando a compreensão de que sua experiência única, individual, é também a de outros seres humanos”(AMARAL, 2004, p. 92).

Rodrigues (1972) afirma que as interações humanas, fonte de constantes pesquisas e descobertas, constituíssem de troca, de dependência e interdependência, envolvendo dois ou mais indivíduos.

Góes (1993) contribuiu de maneira pontual para esse interesse, na medida que se utiliza à situação de ensino – aprendizagem como campo de estudo para suas formulações a respeito do modo como os colegas e as professoras participam no processo de construção de significados da criança. Góes demonstra que as atitudes do professor e da criança são reciprocamente orientadas, ao ressaltar que tantas ações do professor interferem na da criança, no sentido de dar direcionamentos, como as ações da criança interferem nas do professor no sentido de regular e reestruturar movimentos (Silva, 1999 p. 43).

É fundamental que o professor procure conhecer seus alunos de forma integral em seus diferentes grupos, nos diferentes contextos de sua época, em sua situação e condição socioeconômica e em suas diferentes linguagens, pois o aluno só pode ser entendido dentro de seu contexto e em sua totalidade após a análise desses aspectos. O professor é, portanto um elemento privilegiado do meio constituinte do seu aluno. Ele é o apoio em suas tarefas de desenvolvimento.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

O papel da afetividade em toda a dinâmica que envolve professor e aluno em suas relações interpessoais afeta profundamente o como, o porquê e para que fazer em educação.

A partir da proposta de estudo desta pesquisa, temos como objetivo o intuito de propor uma releitura sobre o papel da afetividade no processo ensino-aprendizagem. Enfatizando o papel da mediação feita pelo professor, para que o aluno através da aprendizagem desperte as funções psicológicas. Reflexão sobre as praticas avaliadas, caracterizando a relação da afetividade no bom relacionamento escolar. Analise de entrevistas realizadas com professores e alunos acerca da qualidade das relações em sala de aula e as interferências no processo aprendizagem.

A proposta metodológica para o presente trabalho monográfico foi pensada com base na peculiaridade do fenômeno a ser estudado: A relação da afetividade e aprendizagem no desenvolvimento da criança, com ênfase na importância das interações na sala de aula.

Segundo Lüdke e André (1986) os problemas específicos do dia-a-dia escolar, pela sua natureza específica indicam a utilização de técnicas de estudo também adequadas. Isso quer dizer que algumas técnicas usadas tradicionalmente, tendo em vista que a pesquisa em educação por muito tempo incorporou o método adotado pelas ciências naturais, deveriam ser substituídas por outras, que com o mesmo rigor científico, pudessem conduzir a obtenção de informações relevantes e imprescindíveis para a teorização.

Por isso, foram utilizados nesta pesquisa questionários, por meio do qual foi feito um levantamento sobre o conhecimento de um grupo de 10 (dez) professores a respeito da relação entre afetividade e aprendizagem, bem como, de investigação dos aspectos que consideram relevantes no desenvolvimento da criança no processo ensino aprendizagem e nas práticas avaliativas.

Foram utilizados como parâmetros para esta pesquisa, também, a coleta de dados feita por meio de um questionário com professores efetivos, sendo com 5 desses

professores, também foram aplicados questionários com suas respectivas turmas totalizando assim, 175 alunos.

A demonstração dos resultados alcançados foi acompanhada através de gráficos, dos quais foram feitas comparações entre as respostas obtidas.

É importante ressaltar que os questionários foram realizados com professores de 5 à 15 anos de efetivo exercício na Secretaria de Educação do Distrito Federal.

A escola onde foi realizada a observação, fica na cidade satélite de Ceilândia que fica distante da capital federal em torno de 36km. É uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal, e que atende aos seguintes níveis e modalidades de ensino: Educação Infantil (crianças entre 4 e 6 anos), Ensino Fundamental: séries iniciais (1ª a 4ª série), Classe de Aceleração da Aprendizagem/Alfabetização (C.A.A./Alf.) e Classe de Aceleração da Aprendizagem/3ª e 4ª série (C.A.A./3ª e 4ª) .

CAPITULO 1

O PAPEL DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA DA CRIANÇA

Durante muito tempo a visão tradicionalista dominadora na escola que separava afetividade de aprendizagem não permitia um olhar diferenciado e reflexivo sobre sua importância no processo ensino-aprendizagem. Hoje mesmo que discretamente, já se percebem mudanças.

As abordagens sobre o processo de ensino-aprendizagem, trazem sua contribuição à pedagogia indicando a necessidade de uma educação completa, voltada para o desenvolvimento global da criança, através dos estudos de Jean Piaget, Levi Vygotsky, e Henri Wallon. Importa aqui destacar algum dos pontos principais das abordagens destes estudiosos sobre o desenvolvimento infantil.

Piaget argumenta que todo comportamento apresenta os aspectos cognitivos e afetivos, tendo o objetivo uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo do desenvolvimento. O aspecto afetivo é responsável pela dinamização da atividade mental e pela seleção e pela seleção dos objetos ou eventos.

"é impossível encontrar um comportamento oriundo apenas da afetividade sem nenhum elemento cognitivo, e, igualmente impossível encontrar um comportamento composto de elementos cognitivos... Embora os fatores objetivos e cognitivos sejam indissociáveis num dado comportamento, eles parecem ser diferentes quanto à natureza..." (Piaget, 1981, pp 2.3)

Piaget colocou a afetividade no centro do desenvolvimento intelectual, construindo uma compreensão mais realista das crianças e de como elas constroem o saber, relacionado com o desenvolvimento intelectual objetivo e social.

Quatro fatores e suas interações são necessários para o desenvolvimento: maturação, experiência ativa, interação social e equilíbrio. O desenvolvimento cognitivo, enquanto processo contínuo, pode ser dividido em quatro estágios para fim de análise e

descrição. O desenvolvimento afetivo (valores, sentimentos e interesses) ocorre semelhante ao desenvolvimento cognitivo. Isto é, as estruturas afetivas são construídas como as estruturas cognitivas. O aspecto afetivo é responsável pela dinamização da atividade mental e pela seleção dos objetos ou eventos sobre os quais agir.

Nessa perspectiva, enfatiza-se a teoria de Vygotsky, entre aprendizado, desenvolvimento e afetividade, onde o biológico e o social não estão dissociados. O homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura, nesse processo o indivíduo ao mesmo tempo em que internaliza as formas culturais, as transforma intervém no seu meio. Segundo ele são os desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses impulsos e inclinações do indivíduo que dão origens ao pensamento e este por sua vez, exerce influência sobre o aspecto afetivo, desta forma, aponta para a necessidade de uma abordagem unificadora dos aspectos intelectuais e afetivos na constituição humana.

“Referimo-nos a relação entre intelecto e afeto. A sua separação enquanto objetos de estudo é uma das principais deficiências da psicologia tradicional, uma vez que esta apresenta o processo de pensamento como um fluxo autônomo de pensamentos que pensam a si próprios” [...] (VYGOTSKY, 1988 p 6)

Como é possível observar, na sua perspectiva, cognição e afeto não se encontram dissociados no ser humano pelo contrário, se inter-relacionam e exercem influências recíprocas ao longo de toda a história do desenvolvimento do indivíduo. Apesar de diferentes, formam uma unidade no desenvolvimento psíquico, portanto, é impossível compreendê-los separadamente. É justamente por isso que aponta para a necessidade de uma abordagem unificadora dos aspectos intelectuais e afetivos no estudo do funcionamento psicológico.

No cotidiano escolar, a intervenção na “Zona do Desenvolvimento Proximal” dos alunos é responsabilidade (ainda que não exclusiva) do professor visto como parceiro privilegiado, justamente por que tem maior experiência, informações e a incumbência, entre outras funções, de tornar acessível.

Na busca de um entendimento sobre o papel da afetividade no processo de aprendizagem, importa aqui destacar algum dos pontos principais da abordagem de Wallon

sobre o desenvolvimento infantil. Wallon investiga a criança nos diversos campos de sua atividade e nos diversos momentos de sua evolução. No seu entendimento e papel da escola encarar a criança em sua totalidade, como ser concreto e ativo, favorecendo seu contato com o meio social.

A afetividade tanto quanto a inteligência, é possível de evolução, o refinamento das teorias afetivas permite que, ao longo do desenvolvimento, novas formas de expressão apareçam. Nessa perspectiva, a afetividade está sempre presente na relação pedagógica, a criança é afetada e afeta o outro de maneira positiva ou negativa pela simples razão de estar em grupo.

Wallon, psicólogo e educador, nos legou muitas outras lições. A nós professores, duas são particularmente importantes. Somos pessoas completas: com afeto, cognição e movimento, e nos relacionamos com um aluno, também pessoa completa, integral, com afeto, cognição e movimento” (apud Almeida, 2000, p 86).

O desenvolvimento psíquico da criança é marcado pelo meio social, pelas relações que se estabelecem entre os indivíduos. A vida psíquica é o resultado das influências do meio humano. Wallon (1968), observa que são as emoções, especificamente, que unem a criança ao meio social, são elas que ampliam os laços que antecipam a intenção e o raciocínio. Aponta também a relação recíproca entre o desenvolvimento social e biológico, sempre associados e complementares no indivíduo.

Zazzo (1978, p.14), ilustra muito bem esse pensamento ao afirmar que “as capacidades biológicas são as condições da vida da sociedade mas o meio social é a condição do desenvolvimento dessas capacidades”. A emoção é um fato fisiológico, é um comportamento social nas suas funções arcaicas de adaptação. Estudando a passagem do psíquico ao orgânico Wallon verificou que ocorre simultaneamente o desenvolvimento das duas grandes funções mentais: a afetividade e a inteligência. O desenvolvimento da personalidade varia em movimentos afetivos e cognitivos, mostrando que são interdependentes. Dentro desse princípio dialético Wallon (1963) identifica a relação entre a emoção e a inteligência.

Assim, a emoção consiste naquilo que une o indivíduo à vida social pelo que pode haver de mais fundamental na sua existência biológica e esta ligação não sofrerá rupturas, embora, as reações orgânicas da emoção tendem a esbater-se a medida em que a imagem das situações ou das coisas se intelectualiza. Existem ao mesmo tempo

solidariedade e oposição na consciência entre o que é impressa orgânica e imagem intelectual. Entre as duas não param de desenvolver ações e reações mútuas que mostram como vãs as distinções de espécies que os diferentes sistemas filosóficos fazem entre matéria e pensamento, existência e inteligência, corpo e espírito.

Percebe-se que esses dois elementos são presentes em todos os momentos mesmo sendo contrários e constituindo pólos opostos causados pela emoção e pela razão.

“o sentimento que liga uma coisa, a um acontecimento, a uma situação, pode modificar-lhe o aspecto. O desejo, a repulsa, a paixão podem transformar a realidade até torna-la dificilmente reconhecível por outro” (WALLON, 1963, p.5)

Por fim, o ambiente escolar, planejado, deve ser estruturado para refletir sobre as oportunidades de interações sociais oferecidas. Quanto mais interativo, afetivo for o ambiente de sala de aula, melhor será o ensino, mais significativa será aprendizagem, mais qualidade terá a educação.

CAPÍTULO 2

A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES AFETIVAS EM SALA DE AULA

O contexto escolar é, em essência, um espaço no qual ocorrem múltiplas formas de interação, com diferentes tipos de intencionalidade e diferentes níveis de aproximação. A multiplicidade dessas formas caracteriza e qualifica as interações entre os diversos agentes integrantes da escola; manifestam a dinâmica das relações entre funcionários, entre estes e a direção, entre docentes e discentes e, destes últimos entre si.

Destacando, a sala de aula, especificamente, além de ser o lugar onde se desenvolve o processo ensino/aprendizagem; ela constitui-se, também, uma situação social.

“A vida de sala de aula, como a de qualquer outra situação social, não é dada a priori, nem tomada de empréstimo de outra situação, ao contrário, é construída, ‘definida e redefinida’ a todo o momento, revelando e estabelecendo os contornos de uma interação em construção” (CAJAL apud COX e ASSIS-PETERSON orgs., 2001, p. 127).

Em todo processo pedagógico temos na figura do educador o centro das atenções na relação em grupo, sendo este também uma ponte em cada criança em particular o seu grupo. Para que haja relações é necessário que as leis próprias de cada um entrem em comum acordo buscando entre a frustração e a satisfação um ponto que sirva ambas. A necessidade recíproca do relacionamento gera um equilíbrio.

Na pré-escola a interpelação do professor com o grupo de alunos e cada um em particular é constante, existe o tempo inteiro, seja na sala, na recreação ou nos passeios e é em função dessa proximidade afetiva que se dá à interação com objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente. A interação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento. A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado.

O papel do educador é específico e diferenciado do das crianças. Ele prepara e organiza o universo onde as crianças buscam e se interessam. A postura desse profissional se manifesta na percepção e na sensibilidade aos interesses das crianças que em cada idade, vão mudando o seu pensamento e o seu modo de ver o mundo.

É importante que o educador tenha um planejamento de situações problema para cada objeto da sala de aula. Mas que para isso ocorra é necessário que o educador seja antes de tudo curioso, um pesquisador possibilitando assim a criança descobrir verdades ao invés de impor conteúdos.

Piaget diz que o papel do mestre deve ser o de incitar a pesquisa e de fazer tomar consciência dos problemas, e não ditar a verdade. De fato, é preciso não esquecer que uma verdade imposta deixa de ser uma verdade: compreender é inventar ou reinventar e “dar uma lição” prematuramente é impedir a criança de encontrar ou redescobrir as soluções por si mesma. Portanto encorajar a criança a descobrir e inventar sem ensinar ou dar conceitos prontos manter-se atenta à série de descobertas que as crianças vão fazendo, dando lhes o máximo de possibilidades para isso, encorajando-as a construir e a se conhecer, dando maior incentivo à pergunta do que a resposta.

A relação que se estabelece com o grupo como um todo é a pessoal com a criança é diferenciada em todos os seus aspectos qualitativos e cognitivos respeitando-se a maturidade de seu pensamento e a sua individualidade. É importante ressaltar o papel do professor na escola. Ele não pode ser aniquilado, nem deixado de lado. Na relação professor e aluno, para haver desenvolvimento é necessário harmonia, respeito e percepção. Na educação o aluno é obrigado a fazer e fazer sem o menor interesse sendo que seus interesses nunca são considerados.

Paulo Freire diz ser necessária uma reflexão sobre o homem e uma análise profunda do meio concreto, deste homem concreto a quem desejamos educar, ou melhor a quem desejamos ajudar a educar-se. Nos não educamos, ajudamos as pessoas a se educarem e ao ajudarmos, educamo-nos também. Como não existe educador e educando, pois ambos estão na mesma tarefa, assim também não temos certeza onde começa o conhecimento, no professor ou no aluno, pois nenhuma estrutura de conhecimento está terminada.

Ao falarmos da inteligência e da aprendizagem precisamos nos referir também, e sempre, à emoção, as ligações e inter-relações afetivas. Seria possível entender o

desenvolvimento da inteligência sem um desenvolvimento integrado e convergente cada vez maior de nosso interesse e amores por aquilo que olhamos, tocamos e que nos alimenta a curiosidade.

CLAPARÈDE ao se referir à curiosidade e ao interesse, diz: “a escola não deve esperar que as crianças façam tudo o que querem, mas que elas queiram tudo o que fazem e que ajam e não sejam forçadas as ações”. No resgate de um passado pleno, o mundo hoje torna mais significativo. Então se faz necessário o investimento estabelecido nas inúmeras relações entre o professor e o aluno.

A educação deve ser pensada não através de suas diversas disciplinas, mas principalmente como meio de promover a própria vida, apropriando-se dela com as próprias mãos. Em outras palavras, implica em compreendê-la como um espaço de contato face a face, de trocas. Nela as pessoas reagem de acordo com o contexto. Este por sua vez, não se limita a características físicas e aos materiais, mas abrange ainda, as pessoas em suas ações e comportamentos.

“Na sala de aula, alunos e professores constroem uma dinâmica própria, marcada pelo conjunto das ações do professor, pelas reações dos alunos às ações do professor, pelo conjunto das ações dos alunos, das reações dos professores às ações e reações dos alunos, pelo conjunto das ações e reações dos alunos entre si, cada um interpretando e reinterpretando os atos próprios e os dos outros” (CAJAL apud COX e ASSIS-PETERSON orgs., 2001, p. 128)

Toda essa dinâmica conduz para a identificação de papéis a serem desempenhados pelo professor e pelos alunos. Estabelece a relação de poder e autoridade do professor em relação aos alunos; revela como se dá a interação sócio-afetiva entre estes.

No processo ensino/aprendizagem as interações ocorridas em sala de aula expressam as normas quanto ao conteúdo escolar, aos procedimentos metodológicos, aos mecanismos avaliativos, interferindo claramente na aprendizagem dos alunos: o quê, por quê e para quê aprender. Sugere, pois, que:

“ensinar e aprender são processos interativos que requerem a participação de professores e de alunos; em outras palavras, uma vida escolar bem sucedida depende em grande parte de professores e alunos compartilharem convenções sociais culturais, o que lhes possibilitará saber, por exemplo, quem tem o direito de falar, quando e como fazê-lo” (id., *ibid.*, p. 133).

A questão, nesse sentido, não se prende a uma visão tradicional de ensino, mas aponta para a diferenciação da interação que ocorre entre professor/aluno e aluno/alunos, e em como, no que tange a ação do professor, a interação sócio-afetiva influencia a aprendizagem dos alunos.

A aprendizagem, em si, não depende, unicamente, da concepção de educação que o professor tenha. O que ocorre, porém, é que a forma como se dá à interação entre professor-aluno no processo ensino-aprendizagem é que vai interferir qualitativamente no ensino e na aprendizagem. Os aspectos pertinentes às interações e discurso que se dão em sala de aula refletem a dinâmica que nela ocorre.

É o clima de confiança, baseado na segurança do aluno em relação ao professor, e da tranquilidade deste em relação aos alunos no processo, que configurará um contexto de aprendizagens significativas. Havendo um clima satisfatório em sala de aula na relação do professor para com o aluno e vice-versa, é possível deduzir um resultado positivo do ensino, e conseqüentemente, da aprendizagem. Ocorrendo o inverso, onde o ambiente de sala de aula é demarcado por conflitos constantes entre docente e discentes, pressupõe-se que o resultado será negativo. A relação entre professor e aluno tem significados diferenciados para um e outro, dependendo do que entendem ser prazeroso no contexto escolar.

O aspecto sócio-afetivo no processo ensino/aprendizagem tem implicações diretas na prática pedagógica e no desenvolvimento dos alunos. Nas palavras de Freire (2003) quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. A ação do professor e a ação do aluno expressam profundamente o significado da educação em seus processos constitutivos de ser educador e de ser aprendiz. Portanto, entender o espaço de sala de aula como situação social; requer momentos de troca entre educador e educando; significa promover ações de querer bem, de fazer bem, de sentir-se bem.

O processo educativo deve ser, sobretudo, um processo contínuo de construção e reconstrução da pessoa humana. É importante assumir uma postura mais humanista, e menos, mecanicista com relação ao ensino e aprendizagem..

As crianças não seres desprovidos de sentimentos aos quais basta apenas o “adestramento” para o desempenho de determinadas tarefas. Antes pelo contrário, são seres em processo de formação de sua personalidade, bem como do desenvolvimento de suas habilidades cognitivas, afetivas e motoras. O ambiente escolar em específico a sala de aula, professor, materiais didáticos, devem estar estruturados para atender ao desenvolvimento da criança em seu aspecto global.

Através das interações em sala, é preciso despertar nos alunos, segurança, confiança, satisfação e motivação no processo ensino-aprendizagem, entendendo que estas também interferem na aquisição de habilidades e construção de saberes.

Com base no conceito proposto por Vygotsky sobre zona de desenvolvimento proximal, é preciso ver as crianças não, apenas, como seres em processo de um desenvolvimento delimitado por níveis que se sucedem numa lógica seqüenciada, levando-as a corresponderem aos estímulos externos, seguindo o desenvolvimento de suas funções mentais, mas sim, em olhá-las e compreendê-las como desbravadores em potencial, propondo-lhes desafios e mediando os processos de solução, estimulando assim os processos internos não despertados ainda.

CAPITULO 3

APRENDIZADO E DESENVOLVIMENTO – MEDIAÇÃO DO PROFESSOR

O espaço escolar, em específico a sala de aula, é marcado por constantes conflitos, o ensino e a aprendizagem recebem estes reflexos, onde se destaca o papel da afetividade na construção coletiva de saberes, resultando num ensino prazeroso e numa aprendizagem significativa.

De acordo com Wallon o professor desempenha um papel ativo na constituição da pessoa do aluno, o professor deve basear sua ação fundamentado no pressuposto de que o aluno conquista no plano afetivo e um passo para o desenvolvimento cognitivo. Wallon insiste que se pode confiar na atividade criança, em sua criatividade e em sua espontaneidade para investigar, mas que ela precisa de mestre, exatamente para ajuda-la a utilizar seus próprios recursos.

“O grupo é indispensável à criança não só para a sua aprendizagem social mas para o desenvolvimento da sua personalidade e para a consciência que pode tomar dela” (Wallon, 1975,p. 61.)

Na concepção Walloniana a o aluno é uma pessoa concreta, cuja dimensão motora, afetiva e cognitiva está de tal forma entrelaçadas que cada parte é constitutiva da outra. Mas é preciso focar atento para o fator que o desenvolvimento não se dá numa evolução linear, sem conflitos, na verdade, as regularidades ao desenvolvimento são os avanços, os retrocessos, os saltos.

Com base no conceito proposto por Piaget o senso comum sugere que a prática educacional em casa e na escola deve ser corrente com o que conhecemos a respeito da criança e seu desenvolvimento. Os pais e professores devem assumir posições não autoritárias,. Os professores podem encorajar as crianças a resolverem problemas por

si mesmas com autonomia . Pais e professores são os que, em geral, organizam o meio social ao qual as crianças se adaptam e a partir do qual elas aprendem . E discutível a idéia de que as crianças podem desenvolver os conceitos de justiça, baseado na cooperação, tinha por base apenas à autoridade.

De acordo com Vygotsky, o aprendizado das crianças se dá antes da escola as situações em que a criança se defronta tem sempre uma história previa. A escola desempenha bem em papel, na medida em que partindo daquilo que a criança já sabe que ela é capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos na linguagem Vygostskyana incidir na zona do desenvolvimento proximal. Desta forma poderá estimular processos internos que acabarão por se efetuar, passando a constituir a base que possibilitara novas aprendizagens. Para tanto, segundo Vygotsky (2002), é necessário determinar pelo menos dois níveis de desenvolvimento – o real e o potencial, que é conhecido por zona de desenvolvimento proximal. De acordo com o nível de desenvolvimento real, as funções mentais da criança que se estabeleceram resultam de certos ciclos de desenvolvimento já completados. Aqui, a capacidade mental da criança é indicada a partir da observação do que ela é capaz de fazer por si mesma.

Durante muito tempo, não se considerou como indicativo de desenvolvimento mental o que uma criança pudesse fazer com a ajuda de outros, mas considerava-se, apenas, aquilo que pudesse fazer sozinha, sendo considerado como verdade única, pertencente ao senso comum e por ele reforçada. A conclusão a que se chegou é que essas crianças não tinham a mesma idade mental, o que conseqüentemente, indicaria que o curso subsequente de seu aprendizado seria, com toda certeza, diferente. Para explicar a diferença detectada em termos de desenvolvimento mental, Vygotsky apresenta o conceito de zona de desenvolvimento proximal.

Dessa forma, o desenvolvimento mental, por sua vez, é definido retrospectivamente através do desenvolvimento real, e prospectivamente através da zona de desenvolvimento proximal. A partir dessa compreensão, permite ao professor fazer a mediação pedagógica adequadamente, contribuindo para que o que está em maturação hoje – o desenvolvimento potencial – se concretize amanhã – o desenvolvimento real, o aprendizado não só interfere como contribui para o desenvolvimento mental do aluno. Para Vygotsky através do aprendizado vários processos internos do desenvolvimento são despertados, operando somente quando a

criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros.

“Uma vez que essa abordagem se baseia na promessa de que o aprendizado segue a trilha do desenvolvimento e que o ele sempre se adianta ao aprendizado, ela exclui a noção de que o aprendizado pode ter um papel no curso do desenvolvimento ou maturação daquelas funções derivadas durante o próprio processo de aprendizado” (Vygotsky, 2002, p 104).

Segundo Vygotsky a instrução está no que cerne da aprendizagem e segue o desenvolvimento. Em comparação com outros psicólogos como Piaget, que sugeriria que aprendizagem segue o desenvolvimento. Vygotsky considerou que a instrução precede e conduz o desenvolvimento e escreveu que a única boa aprendizagem é aquela que está a frente do desenvolvimento. A importância e necessidade da compreensão dos apontamentos feitos por Vygotsky na relação entre aprendizado e desenvolvimento conduzem a um entendimento claro e preciso sobre as interações de sala de aula. Nesse espaço, em um processo interativo, os papéis são bem definidos, contudo não estão rigidamente constituídos. Todos têm o direito de falar, fazer negociações, levantar suas hipóteses. O professor assume o papel de mediador, sem, contudo, deixar de ensinar. Enquanto articulador dos conhecimentos construirá relações válidas e importantes em sala de aula, resgatando a auto-estima e vontade de aprender dos alunos.

É possível perceber que os objetivos educacionais, sempre estão voltados as funções do domínio do conhecimento. A tendência, característica da cultura ocidental é enfatizar essas funções exclusivamente, ao invés de vê-las do ponto de vista de importância. Esta atitude leva o professor a ignorar a afetividade e movimento, tentando excluí-los das atividades ensino-aprendizagem, como se isso fosse possível.

Entender a afetividade como construtores da aprendizagem, tanto quanto o conhecimento, significa valorizar a pessoa do aluno, acolher a afetividade, sentimentos e emoções manifestos, reconhecer a necessidade de movimento e as manifestações do corpo, dos sentimentos e emoções, como atitudes conseqüentes do processo ensino-aprendizagem e a partir daí, canaliza-los a fim de contribuir na construção do conhecimento, na aprendizagem. A compreensão da função de todos os domínios na relação de

aprendizagem conduz a perceber que não há atividade exclusivamente cognitiva, ou afetiva. A aprendizagem depende da motivação, da vontade de aprender, mobiliza expectativas, ansiedade e medo.

Segundo Prandini, essas emoções e esses sentimentos expressam-se no corpo, na qual o professor deve estar muito atento: expressões faciais, cacoetes, olhares, movimentos repetidos, agitação, tensões e apatia, devem ser objeto de atenção e reflexão por parte do professor, pois indica o que está acontecendo com o aluno ao aprender ao aprender. A partir dessa observação é que se atua de forma adequada em relação as necessidades do aluno e fazer com que ele aprenda.

O ato de aprender em sua relação com a aprendizagem está muito ligado a auto-estima. Trabalhar com auto-estima do aluno significa fazer com que ele aprenda, perceba que aprendeu e sinta orgulho de ter aprendido e sinta-se capaz de aprender mais. Parece impossível trabalhar no contexto escolar, a afetividade desvinculada do contexto de ensino- aprendizagem de um conteúdo. Reconhecer que não se trabalha apenas com funções e conteúdos puramente cognitivos, implica em reconhecer que há sempre a participação de condições orgânicas e afetivas que podem tanto colaborar, quanto se opor ao processo da aprendizagem . Cabe ao professor reconhecer as condições de seus alunos, seu afeto, desejos, a fim de mediar para que colaborem na produção de conhecimento.

De acordo com a teoria walloniana, a afetividade e inteligência podem evoluir. No início a afetividade confunde-se com a emoção e se manifesta pelo toque, troca de olhar e pela intensa comunicação não verbal. O refinamento das trocas afetivo permite que, ao longo do desenvolvimento novas formas de expressões apareçam. Cada vez as manifestações são substituídas pela necessidade de atenção e respeito. Conhecer o caminho da afetividade do aluno permite adequar sua prática pedagógica as necessidades afetivas de seus alunos em diferentes estágios do desenvolvimento.

CAPÍTULO 4

AVALIAÇÃO: UM OLHAR SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL

Toda e qualquer proposta avaliativa na Educação deve sugerir um olhar sensível e flexível sobre a criança. Sendo um elemento indissociável do processo educativo tem como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar o trabalho pedagógico. De um modo geral, as práticas avaliativas, normalmente, centravam-se, apenas, no aluno e, durante muito tempo, acabou por considerar outros fatores relevantes no processo ensino/aprendizagem.

Aspectos quanto ao currículo, metodologia, interação professor-aluno, entre outros, não eram considerados com o peso necessário no âmbito da avaliação da aprendizagem, como constitutivos do processo e nem como responsáveis, também, pelos resultados alcançados – normalmente obtidos por meio de testes de inteligência, verificação de desenvolvimento do nível mental, observação das aptidões de acordo com a idade.

Contudo, além de ser um dos eixos da organização do trabalho pedagógico, a avaliação acaba perpassando os demais. Isso quer dizer, que está intimamente ligada a cada um e, se expressa nos porquês da escolha dos conteúdos de ensino, na utilização de determinadas metodologias, na aplicação de certas tarefas e, na forma como o professor interage com os alunos. É claro que não se esgota aí, a amplitude e complexidade do ato de avaliar no processo educativo.

A amplitude e a complexidade da avaliação se expressam, no contexto educacional, tanto no aspecto formal, a partir dos registros escritos desde a pré-escola como documentação legal exigida, e no aspecto informal, se expressam nas manifestações pessoais, juízos de valor, conjecturas do professor em relação ao papel social da educação/escola. Diante desse quadro, a avaliação, propriamente a formal, se daria, além do nível de aplicação dos instrumentos de registro, e se caracterizaria, também, pela

avaliação informal. Nela é notório, que concepções pessoais o educador tem com relação ao ensino e aprendizagem; que papéis desempenham o professor e o aluno.

Cabe ao professor uma responsabilidade muito grande na observação de seu aluno. É dessa observação criteriosa que acontecerá o encaminhamento do aluno para este ou aquele curso, esta ou aquela carreira.

Wallon ensina que:

“Observar é evidentemente registrar o que se pode ser verificado. Mas registrar e verificar são ainda analisar, é ordenar o real em formas, é fazer-lhe perguntas. É a observação que permite levantar problemas, mas são os problemas levantados que tornam possível a observação”.(WALLON, 1975, P. 16)

A observação criteriosa implica num registro cuidadoso do aluno em seu desenvolvimento completo e as circunstâncias que cercam sua vida. É o professor o principal instrumento de observação que apura olhar não só do professor em relação ao seu aluno, mas em relação a si próprio na medida em que percebe o desenvolvimento do aluno, o seu jeito na sala de aula, o seu interesse ou desinteresse por certos tópicos, o ritmo do grupo com ou sem sua presença, o mal-estar ou bem-estar do aluno em certos momentos da aula, o professor está revendo seu próprio papel.

O enfoque inicial, no que tange a avaliação, é necessário, ter em vista, o acompanhamento e promoção do desenvolvimento global da criança, processo de formação de sua personalidade. Atentando, especificamente, para as questões relacionadas à interação professor-aluno, deve a avaliação conduzir a um processo de reflexão contínuo por parte do professor. A avaliação é entendida como uma parte integrante do método do professor, decorrente de sua concepção de escola, de aluno e de si mesmo.

O professor ao propiciar um ambiente mais adequado ao desenvolvimento desse aluno, promove modificações no desempenho de seus papéis. Professor e aluno são sempre complementares e a modificação no espaço de um interfere no espaço do outro.

“a formação psicológica dos professores não pode ficar limitada aos livros. Deve ter uma referência perpétua nas experiências pedagógicas que eles próprios podem pessoalmente realizar”. (WALLON, 1975, p. 366).

Querendo ou não, a ação docente sobre as crianças, não pode furtar-se a sua capacidade de influenciar o comportamento dos mais novos e de interferir na formação de sua personalidade. Ao educador cabe a tarefa de se desprover dos preconceitos e achismos a respeito do desenvolvimento da criança.

É preciso olhar sensivelmente, pois tem diante de si um ser em processo de formação pessoal e social. Tem ainda, que ser flexível, visto que a criança não se desenvolve numa dinâmica linear, estática; previamente definida por ritmos seqüenciais e permanentes de desenvolvimento.

Com base na concepção do desenvolvimento infantil de Wallon – psicogênese da pessoa concreta , o professor precisa se preocupar com os campos afetivo, cognitivo e motor, evitando sobrepor um ao outro, mas atentando para a integração que se dá entre eles.

“A educação deve ter por meta não somente o desenvolvimento intelectual, mas a pessoa como um todo” (GALVÃO, 2004, P. 114).

Se desde cedo, a criança é tolhida em seu desenvolvimento, provavelmente, manifestará, nas etapas posteriores, as conseqüências desse talhamento. A influência do professor na sala de aula é muito grande, seja ela positiva ou negativa. Além, de atingir as atitudes dos alunos, interfere na aprendizagem. É comum, alunos que vão mal em uma matéria melhorarem sensivelmente o rendimento quando trocam de professor. Às vezes, alunos displicentes e desinteressados na aula de um professor, mostram-se dedicados e interessados na aula de outro professor. Isso significa que o comportamento do professor em relação aos alunos é de fundamental importância para que ocorra a aprendizagem, e o ensino seja eficiente. Analisar, ordenar o real em formulas não é tarefa fácil. Exige, nas palavras de Wallon, sagacidade do observador. Sagacidade do professor para “ler” seu aluno, seu olhar, seu cansaço, sua atenção, seu interesse e a partir da análise desses indicadores descobrir o porquê da situação e interpretar o papel que está desempenhando como professor.

As crianças com “dificuldades de aprendizagem” fazem parte dos discursos diários dos professores e da família. Segundo Wallon as conquistas do aluno se dão nos planos afetivo, cognitivo e motor e também a afetividade se refere a forma como afeto e sou afetado pelo mundo me cerca. Ao desenvolver seus vários papéis, planejador, organizador, facilitador, mediador e avaliador, o professor interfere de forma profunda na formação da pessoa do aluno. Em se tratando de crianças em processo de formação, é imprescindível o professor estar em contínuo processo de avaliação de suas posturas frente ao desempenho e reações destes.

Por isso, o processo avaliativo deve ser contínuo e formativo, preocupando-se em acompanhar os progressos evidenciados pelos alunos ao longo do processo, promovendo um acompanhamento real das potencialidades das crianças desde a Educação Infantil, evitando-se censurar por meio do desempenho de tarefas preestabelecidas que tornam o ato de aprender uma ação mecânica e não uma construção.

“Avaliar a aprendizagem, portanto, implica avaliar o ensino oferecido – por exemplo, não acontecer a aprendizagem esperada significa que o ensino não cumpriu sua finalidade: a de fazer aprender” (BRASIL. FEDF, 2000, P. 197).

A avaliação configura-se, portanto, em um processo contínuo de ajuda à efetividade do ensino e da aprendizagem. Por meio dela, todos os aspectos inerentes ao processo ensino/aprendizagem – currículo, metodologia, interação-professor aluno etc. -, estão em constante análise, permitindo identificar e superar as deficiências e necessidades encontradas, possibilitando um ensino eficaz e aprendizagens significativas.

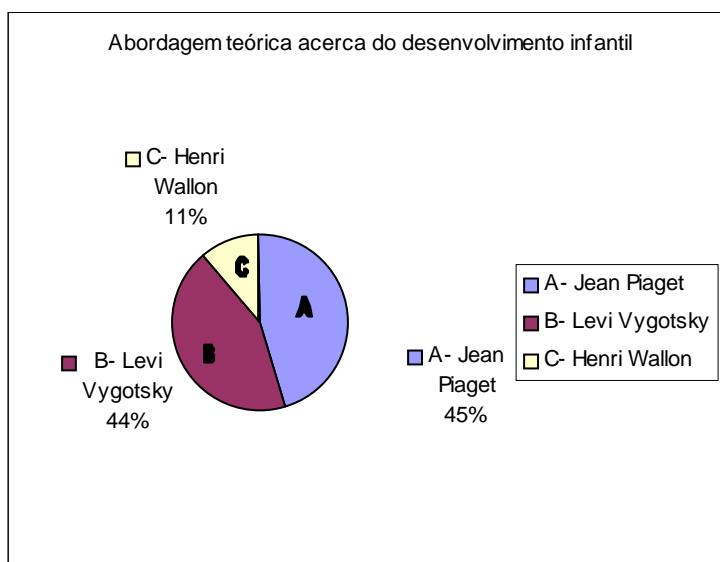
Capítulo 5

Análise e interpretação dos dados

QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

1 – Você conhece a abordagem teórica acerca do desenvolvimento infantil, de :

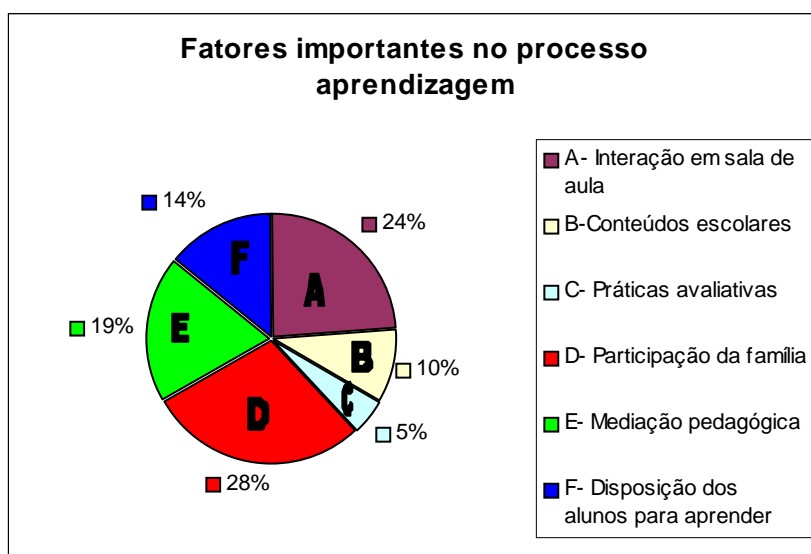
- Jean Piaget
- Levi Vygotsky
- Henri Wallon



Segundo os professores questionados a maioria demonstra um maior conhecimento nas teorias de Jean Piaget, sendo importante ressaltar que este é um teórico bastante conhecido entre os professores, em contrapartida a minoria conhece Henri Wallon acreditando-se por ser um teórico com teorias mais recentes na área da educação.

2 – Enumere por ordem de importância (crescente de 1 até 6) os fatores apresentados a seguir considerados no processo ensino / aprendizagem .

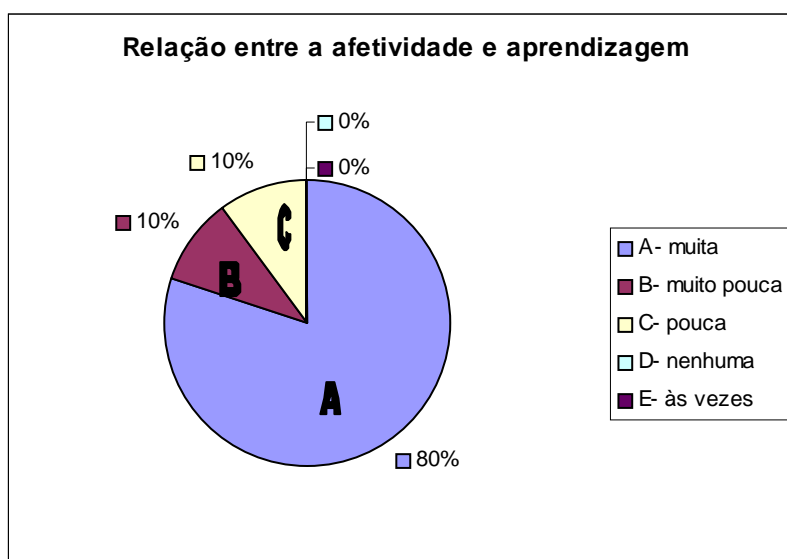
- Interação de sala de aula
- Conteúdos escolares
- Participação da família
- Mediação pedagógica
- Disposição do aluno para aprender
- Práticas avaliativas



As respostas dos professores demonstram o quanto a educação para eles não é responsabilidade apenas da escola, não que a participação da família não seja importante, porém, os professores atribuíram um grau de importância maior colocando a família em 1º lugar como fator importante no processo de aprendizagem. É necessário perceber que em primeiro lugar o responsável pela aprendizagem é a escola. Já em ultimo lugar foi apontado a prática avaliativa como fator de importância no processo ensino aprendizagem. Demonstrando mais uma vez uma falta de conhecimento teórico sobre a avaliação, sendo ela um processo contínuo e de grande valia para a aprendizagem.

3-Você acha que existe relação entre afetividade e inteligência:

- muito
- nenhuma
- muito pouco
- às vezes
- pouco



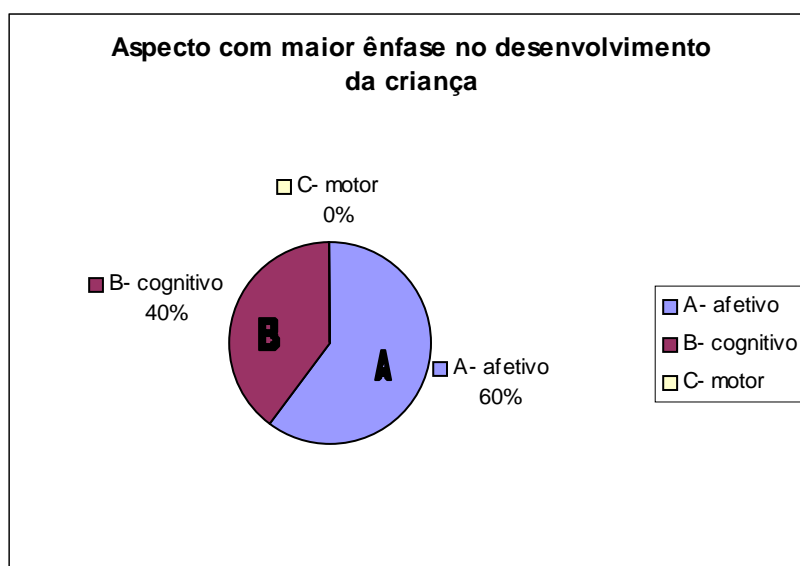
Os resultados demonstram que mesmo os professores não tendo um conhecimento acerca da teoria de Wallon sobre a afetividade em sua prática pedagógica apontam como fator de importância a relação em sala de aula, correlacionando a afetividade e a inteligência. Sendo importante ressaltar que nenhum professor teve opinião contrária.

4 – Acompanhando o desenvolvimento das crianças, para você, professor, qual desses aspectos considera com mais ênfase?

▪ Afetivo

▪ Cognitivo

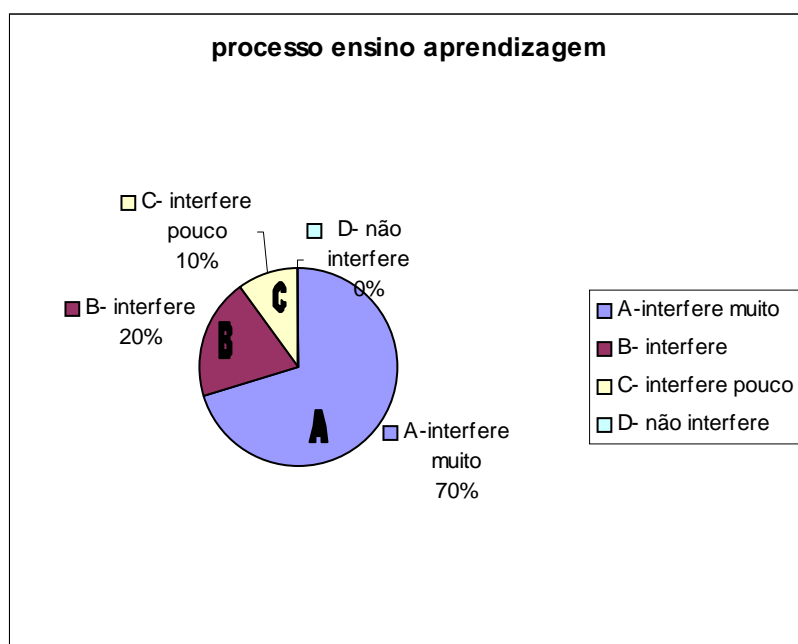
▪ motor



Mais uma vez os resultados obtidos com a pesquisa feita com professores, demonstraram o quanto a afetividade e a inteligência são aliadas na aprendizagem. Sendo importante destacar que nenhum professor considerou o aspecto motor como um fator com sua devida importância para a aprendizagem, sendo o desenvolvimento do aluno como um todo envolve o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor.

5 – A qualidade das relações que se dão em sala de aula podem interferir no processo ensino/ aprendizagem:

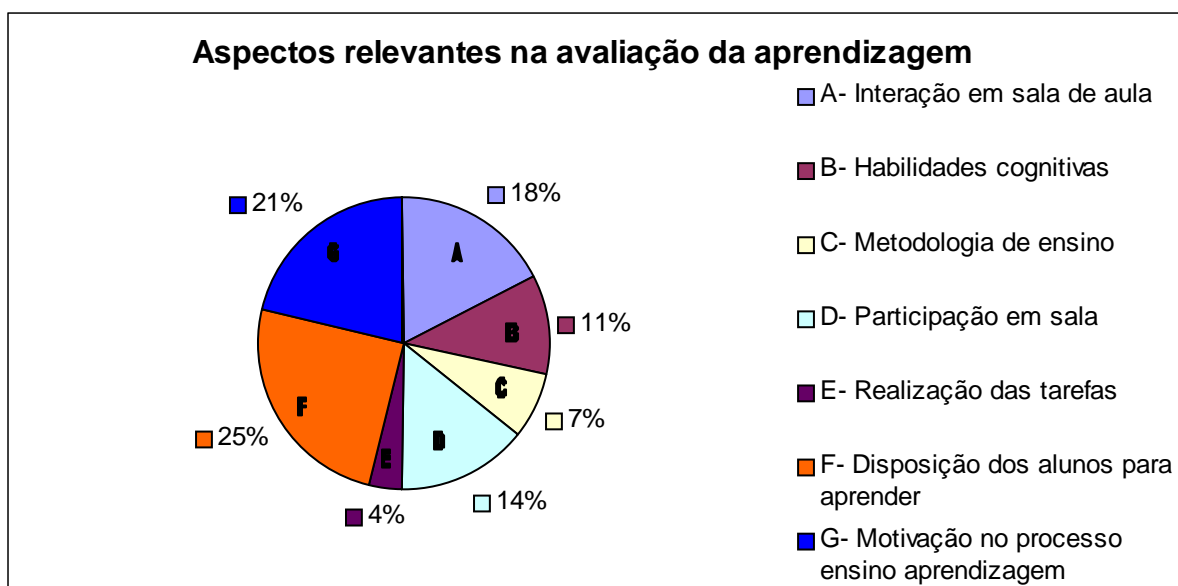
- Interfere muito
- Interfere pouco
- Interfere
- Não interfere



As respostas dos professores comprovam mais uma vez que a construção da aprendizagem se dá através de relações afetivas, mesmo que para uma pequena minoria de professores essa relação tenha pouca interferência no processo de aprendizagem ela não chega a ser inexistente.

6 – Dentre os aspectos abaixo, que podem ser considerados na avaliação da aprendizagem, enumere (em ordem crescente de 1 à 7) por ordem de importância :

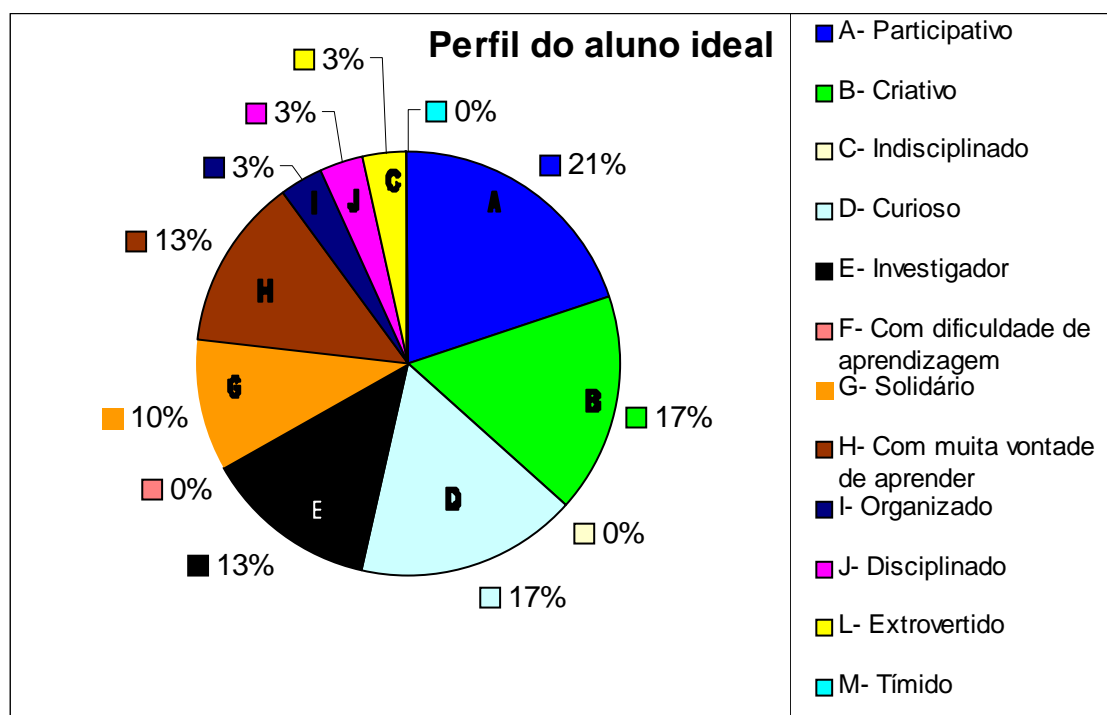
- interações na sala de aula
- habilidades cognitivas
- metodologia de ensino
- participação em sala
- realização das tarefas
- disposição do aluno para aprender
- motivação no processo ensino/ aprendizagem



Os professores pesquisados consideraram como maior grau de importância no processo de avaliar a disposição do aluno para aprender, com isso delegando para o aluno a maior responsabilidade dele aprender ou não. Em seguida mesmo que inconscientemente ele delega para ele também essa responsabilidade porem em menor escala quando considera a motivação como um dos fatores mais importantes na avaliação, sendo que quem motiva o aluno é o professor. Em último lugar houve uma incoerência do professor pois se o aluno tem disposição para aprender e é motivado, conseqüentemente ele realiza as tarefas, logo esse aspecto não deveria ser apontado em último.

7 – Como é o aluno ideal para você? Escolha 4 itens :

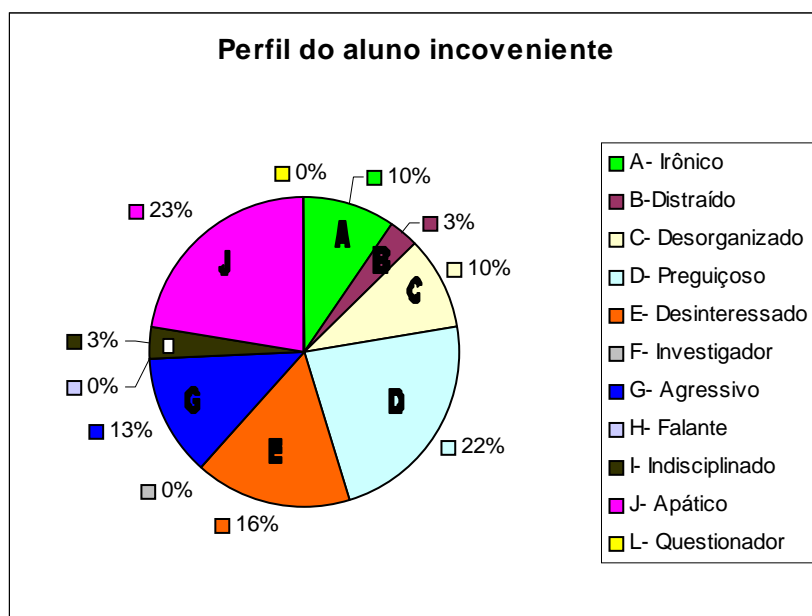
- | | | |
|------------------|----------------------|----------------|
| ▪ participativo | ▪ com dificuldade de | ▪ disciplinado |
| ▪ criativo | aprendizagem | ▪ extrovertido |
| ▪ indisciplinado | ▪ solidário | ▪ tímido |
| ▪ inteligente | ▪ com muita vontade | |
| ▪ curioso | de aprender | |
| ▪ investigador | ▪ organizado | |



O gráfico aponta que os professores têm como aluno ideal aquele que já vem “preparado”, ou seja, um aluno sem dificuldades de aprendizagem e que já tem pré-requisitos, o professor será apenas um facilitador da aprendizagem. Apontando assim que o professor não está disposto a encarar desafios, tendo um aluno tímido e com dificuldade de aprendizagem.

8- Como é o aluno inconveniente para você? Escolha 4 itens:

- | | |
|-----------------|------------------|
| ▪ distraído | ▪ desinteressado |
| ▪ desorganizado | ▪ investigador |
| ▪ agressivo | ▪ indisciplinado |
| ▪ irônico | ▪ apático |
| ▪ falante | ▪ questionador |
| ▪ preguiçoso | ▪ inconveniente |

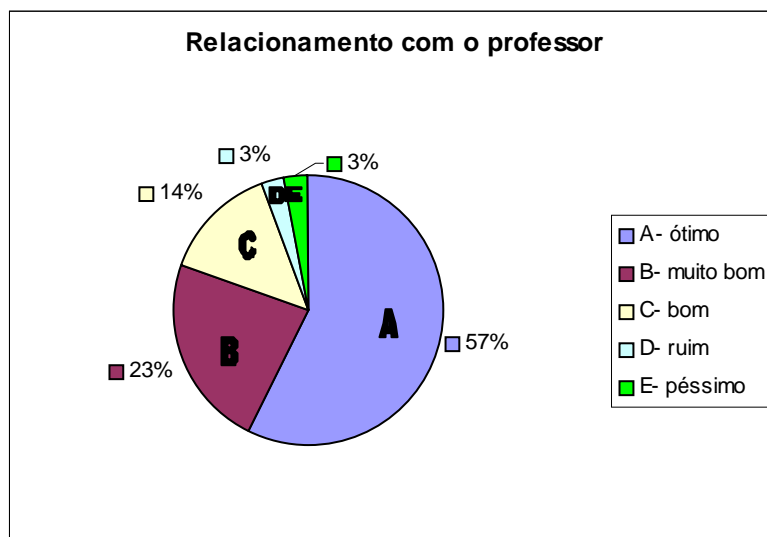


Para os professores pesquisados o perfil do aluno inconveniente é de certa forma, aquele que mais desafia o professor a construir relações afetivas, e os levar a resgatar a auto-estima e conseqüentemente a cidadania.

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

1 – Como é o seu relacionamento com o seu professor (a):

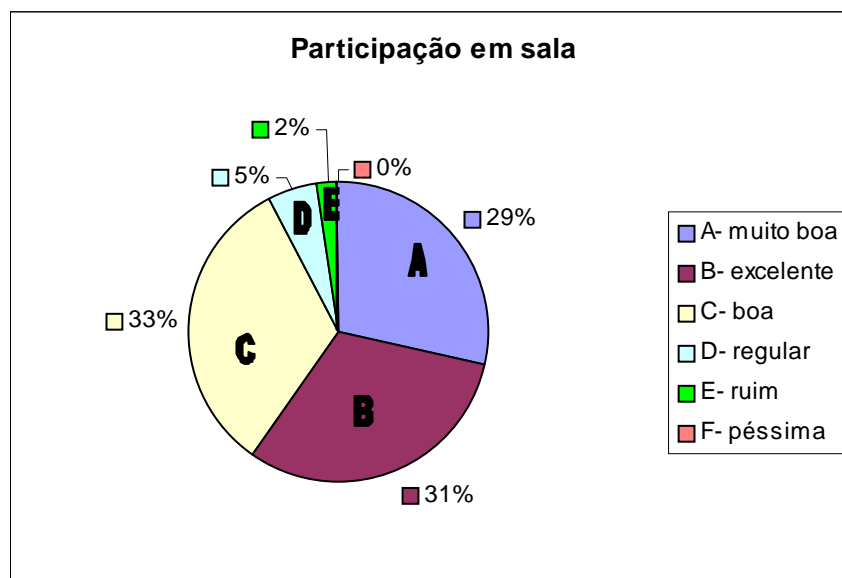
- ótimo
- muito bom
- bom
- péssimo
- ruim



Esta questão demonstra que mesmo os professores não tendo um conhecimento teórico muito profundo, sobre a afetividade. Na prática, através das respostas dos seus alunos é construída uma relação de afetividade entre eles.

2 – Como é a sua participação na sala de aula no momento da realização das atividades:

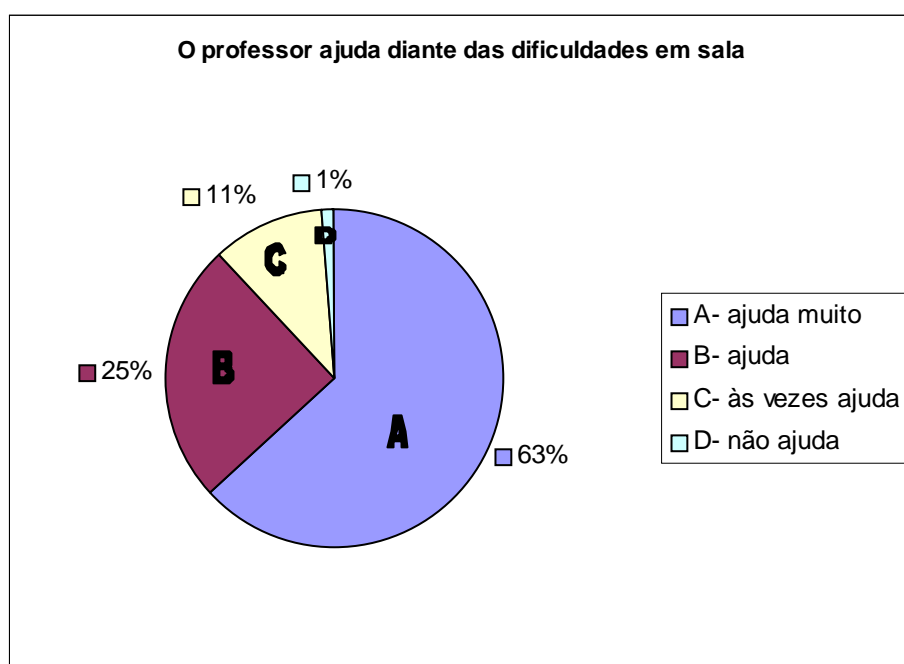
- muito boa
- excelente
- boa
- regular
- ruim
- péssima



Os alunos assimilam essa relação de afetividade e aprendizagem, pois responderam em grande maioria, que sua participação é excelente e muito boa na realização das tarefas, assim sendo sentem-se como sujeito ativo na construção da aprendizagem.

3 – O seu professor te ajuda diante das dificuldades que você tem em aprender um determinado assunto :

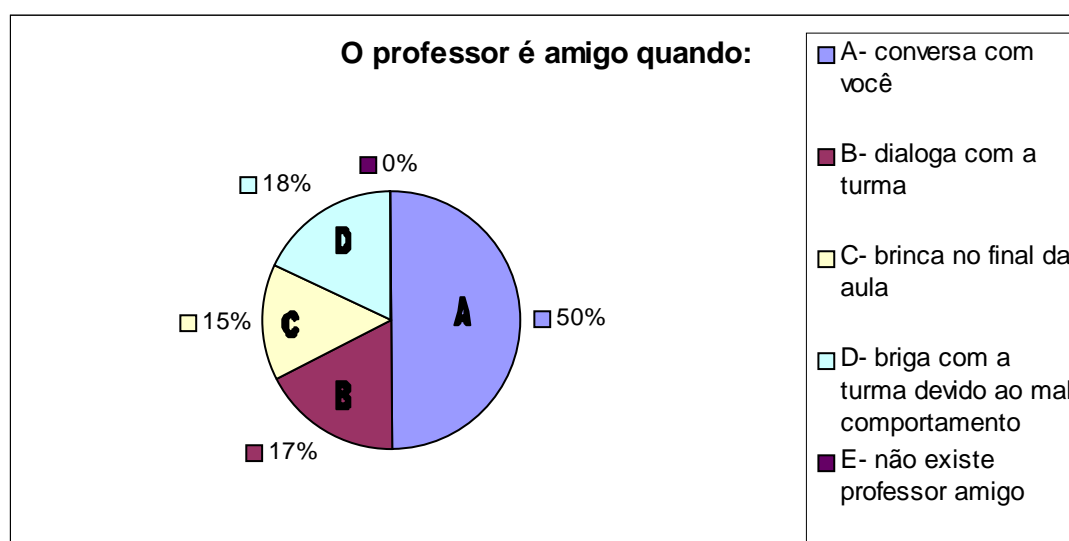
- ajuda muito
- ajuda
- às vezes ajuda
- não ajuda



As respostas obtidas são uma complementação da questão anterior. Pois os alunos perceberam que aprenderam através da mediação do professor, quando respondem em sua maioria que seus professores os ajudam muito.

4 – O professor é amigo quando :

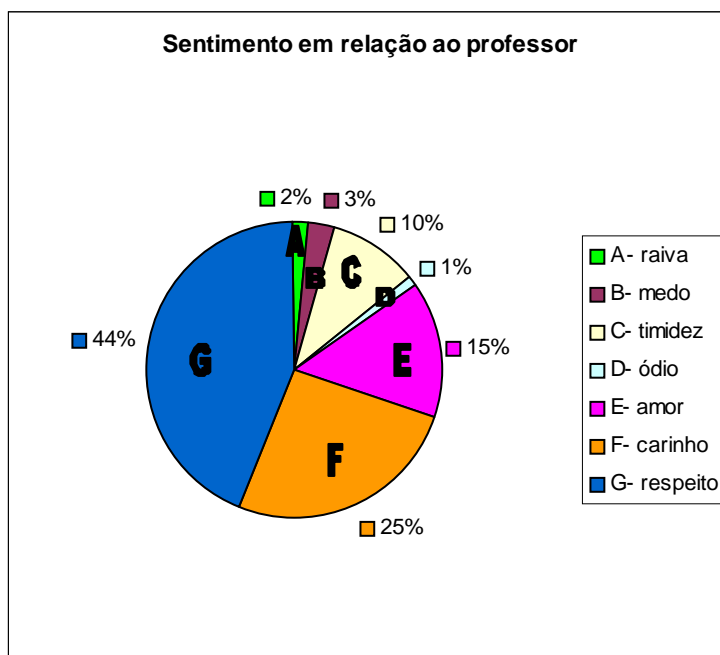
- conversa com você
- dialoga com a turma
- brinca no final da aula
- briga com a turma devido ao mau comportamento
- não existe professor amigo



A relação entre aprendizagem, aluno e professor deve ser voltada para a afetividade e o diálogo é o que comprova a maioria das respostas obtidas, ressaltando também a importância da necessidade que o aluno tem, de que o professor estabeleça regras e limites na sala de aula. Vale salientar que para os alunos questionados é inexistente um professor que não é amigo.

5 – Qual é o seu sentimento em relação ao seu professor? Escolha 2 itens:

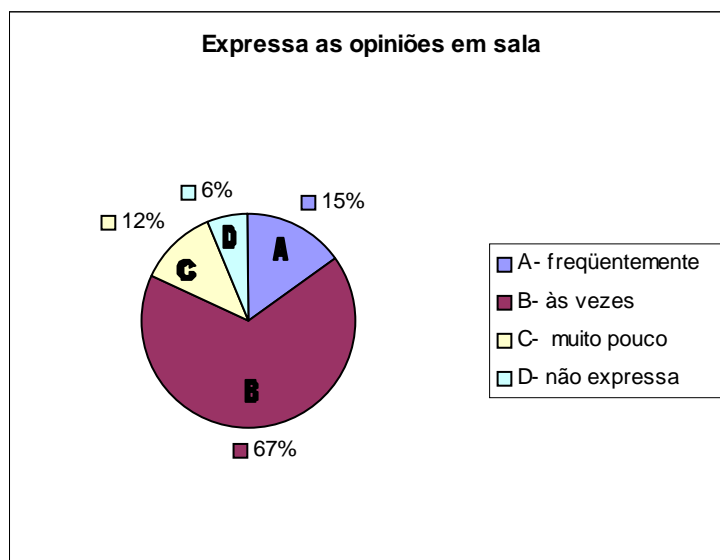
- raiva
- medo
- timidez
- ódio
- amor
- carinho
- respeito



As respostas obtidas comprovam como os alunos das series iniciais criam uma relação afetiva muito forte, exigindo atenção exclusiva e muitas vezes sofrendo influencia do professor. A maioria dos alunos questionados sentem respeito, carinho e amor pelos seus professores.

6 – Durante a aula existe momentos em que você expressa suas opiniões?

- frequentemente
- às vezes
- muito pouco
- não expresso

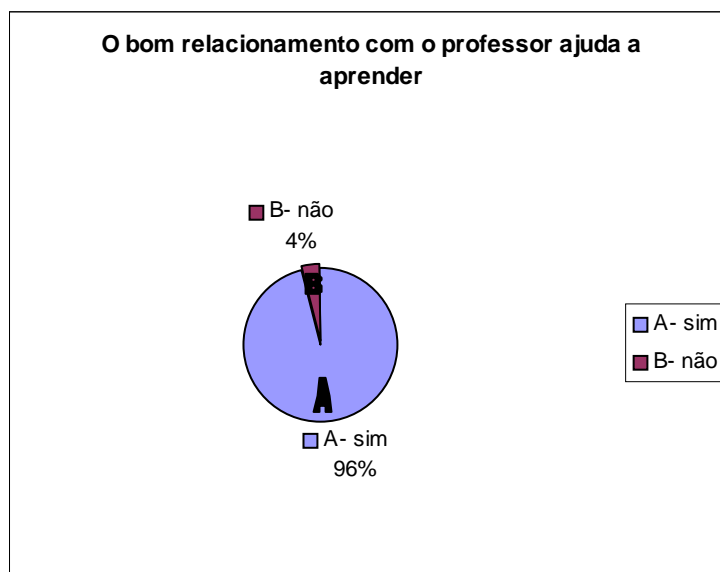


Esta questão apontou um aspecto que não estava sendo ressaltado nas respostas anteriores em relação à afetividade. O diálogo. Através das respostas obtidas, percebe-se que a relação afetiva não esta sendo desenvolvida em sua totalidade, pois grande maioria dos alunos expressam suas opiniões às vezes, sendo que para haver uma verdadeira relação afetiva é necessário oportunizar momentos onde os alunos expressem suas opiniões.

7 - Você acha que o bom relacionamento com o seu professor te ajuda a aprender?

▪ sim

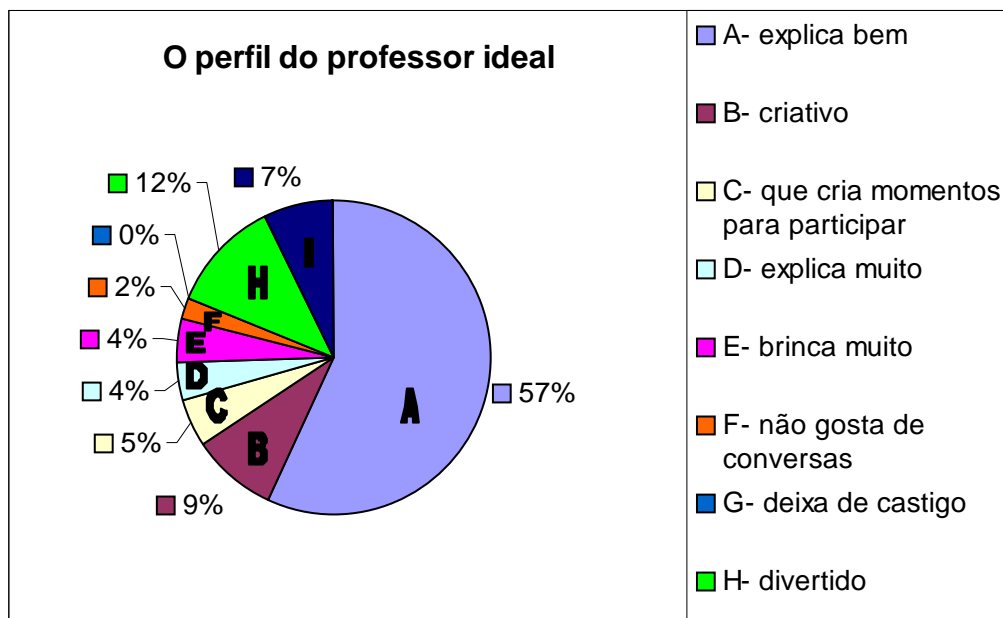
▪ Não



Os alunos que responderam a essa questão não possuem embasamento teórico acerca da relação entre afetividade-aprendizagem, porém, demonstraram ser de grande valia o bom relacionamento com o professor em relação à aprendizagem. Relacionando a dependência da afetividade com a aprendizagem e vice-versa.

8 - Como é o professor ideal para você ?

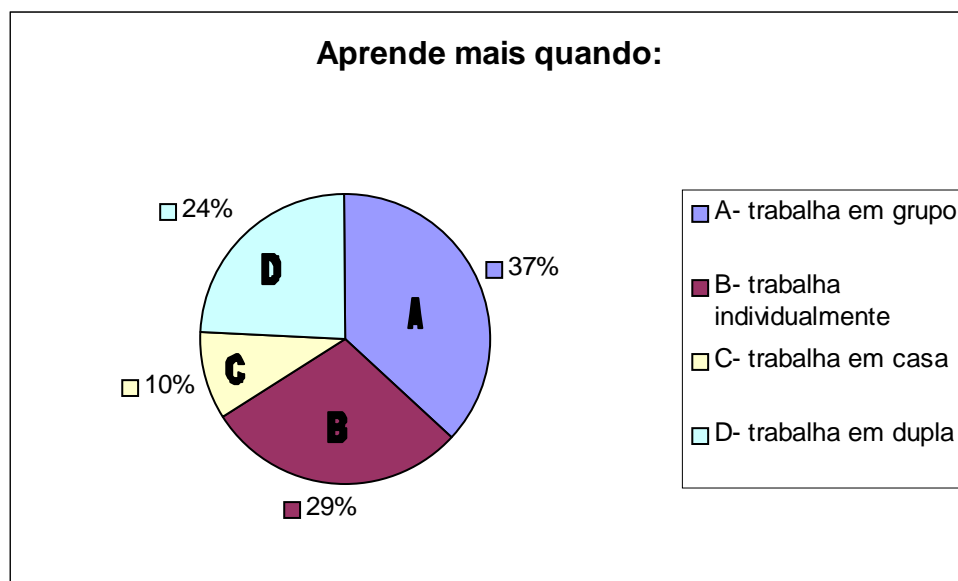
- explica bem
- criativo
- cria momentos para você participar
- explica muito
- brinca muito
- não gosta de conversas
- deixa de castigo
- divertido
- organizado



As respostas obtidas demonstraram qual é o maior objetivo do aluno ao ingressar na escola: aprender. Sendo que para ele o professor ideal é aquele que explica bem. Em contrapartida deixa bem claro que aprendizagem está bem longe de punições e falta de diálogo.

9 – Você aprende mais quando :

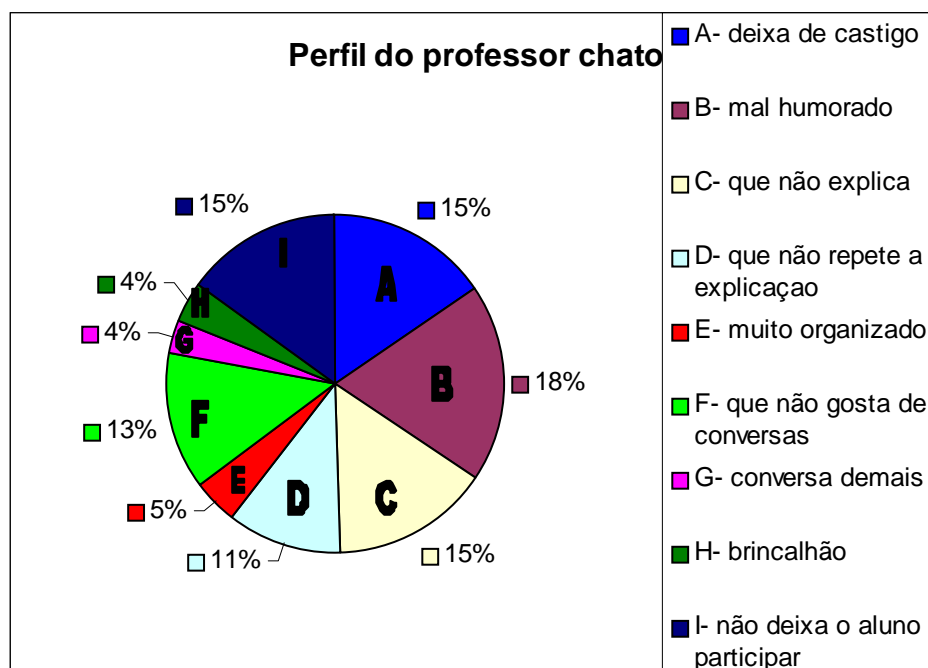
- trabalha em grupo
- trabalha individualmente
- trabalha em casa
- trabalha em dupla



As respostas dessa questão foram bem balanceadas. O que apontou que o aluno aprende de diversas maneiras. Sendo importante respeitar as decisões feitas pelo aluno de como ele aprende, desta forma o aluno sentirá capaz de reconstruir seu saber com responsabilidade e independência.

10- Como é o professor chato para você? Escolha 4 itens:

- deixa de castigo
- mal humorado
- não explica
- não repete a explicação
- muito organizado
- não gosta de conversas
- conversa demais
- brincalhão
- que não deixa o aluno participar



Através das respostas apontadas, mais uma vez percebe-se que o aluno constrói uma relação muito afetiva com o professor. Colocando em primeiro lugar, como professor chato, o mal humorado. Também foi apontado como professor chato aquele que não explica, que não gosta de conversar e que não deixa o aluno participar. Relacionando novamente a definição da afetividade com o diálogo. A necessidade de expressar idéias, experiências que são aspectos de relações voltadas para a afetividade.

Os aspectos mais importantes observado nas respostas dos alunos, foi à importância que eles deram a questão afetiva. Fizeram uma ligação com a aprendizagem, conseguiram manter coerência em todas as respostas. Os alunos mesmo que indiretamente, ou até mesmo inconscientemente apontaram a importância de um bom relacionamento com o professor, a valorização do diálogo, como se dá a a construção da aprendizagem, o estabelecimento de valores e regras e a necessidade de aprender. Aspectos estes, que são priorizados numa relação de afetividade.

A resposta obtida dos alunos nos leva a refletir sobre a prática pedagógica do professor, o quanto esta relação esta para voltada para o ensinar e aprender com seus alunos. O que sem dúvidas é uma troca mútua. Assim sendo, uma relação afetiva.

Das respostas obtidas pelos professores, em sua grande maioria estavam voltadas para a questão afetiva. Porém, em algumas respostas havia inversão de paradigma, percebe-se que há um equívoco no que diz respeito aos fatores que influenciam a aprendizagem quando os professores ressaltam a importância da família em primeiro lugar. Sendo que, essa responsabilidade a priori é da escola, professor, conseqüentemente da família. Houve também equívoco na questão sobre práticas avaliativas. Os professores tiveram dificuldade em perceber que a avaliação é um dos fatores mais importantes no processo de aprendizagem, pois através dela é que se percebe se o objetivo do aluno e do professor foram alcançados, quando ele coloca em ultimo lugar a avaliação, fica mais difícil questionamentos como: onde errei, e como o meu aluno aprende.

O tema afetividade ainda caminha timidamente na prática do professor, quando se analisa suas respostas relacionadas aos aspectos afetivo, cognitivo e motor. O professor ressaltou somente o afetivo e o cognitivo. A afetividade é o respeito aos desenvolvimentos é uma visão holística do indivíduo. Em geral, os professores conhecem e trabalham questões afetivas, porém, limitadas ainda temos um perfil de professores que em sua prática valorizam a afetividade, mas necessitam de mais estudos, teoria e conhecimento acerca do tema.

Com base na proposta de estudo desta monografia, este capítulo dedica-se à análise e interpretação de dados, no qual procurou analisar através de questionários, como professores, alunos e a aprendizagem se interagem no processo de ensinar e aprender e na correlação com a afetividade. Professores e alunos tiveram uma participação ativa na situação de coleta de dados.

É importante, ressaltar que a pesquisa realizada com os questionários foi realizada, no Centro de Ensino Fundamental Professora Maria do Rosário, uma escola da rede pública do Distrito Federal, que fica localizada na cidade satélite de Ceilândia Norte. Foram aplicados 10 questionários com professores efetivos, sendo com 5 (cinco) desses professores, também foi aplicado questionários com suas respectivas turmas. Sendo assim, 175 alunos entre 3ª e 4ª série e em cada turma tinha em média 35 alunos.

Visando avaliar as ações/reações dos alunos e professores em relação a métodos, planejamento, avaliação, comportamento do aluno. Problemas de ensino-aprendizagem de ordem cognitiva, afetiva, comportamental e mesmo aspectos familiares.

Durante todo o desenvolver deste trabalho, o enfoque primordial girou em torno do papel da afetividade na relação professor-aluno, e respectivamente, no desenvolvimento, da aprendizagem.

No intuito de identificar os postulados manifestos na relação professor/aluno - ensino-aprendizagem, e de analisar, se haveria uma confirmação ou negação dos mesmos, os questionários foram realizados no Ensino Fundamental, valendo-se da circunstância, em especial, vivenciada por turmas de 3ª e 4ª série. O fundamental propósito dessa pesquisa foi ir mais além das concepções que os professores tem do papel da afetividade no processo ensino-aprendizagem, mas em analisar os resultados das relações dessas professoras com o mesmo grupo.

É claro que a luz do que foi exposto, não se pode afirmar acertadamente que o professor não se preocupe de maneira alguma com a questão da afetividade, ou que a melhor professora, esteja mais sensível ao processo do desenvolvimento dos alunos.

A maioria dos professores (questão 1) que responderam ao questionário, conhece ou já ouviu falar a respeito da abordagem teórica de Jean Piaget, o que significa que eles conhecem a respeito do desenvolvimento, o que a priori não deixa de ser uma questão afetiva. Porém, ainda não há um estudo profundo principalmente na prática a respeito da relação existente entre afetividade e aprendizagem.

Outro aspecto enfocado no questionário, foi a importância dada a alguns aspectos – questão 2 – no processo ensino-aprendizagem. Das respostas obtidas, 28% consideraram, por ordem de importância, como em primeiro lugar, a participação da família como relevante. Tendo também, percentual aproximado o aspecto relacionado interação de sala de aula. Logo para o professor os problemas do ensino estavam

ligados a pontos externos e não na própria sala de aula, o que, muitas vezes, destitui o professor de sua própria responsabilidade.

Os problemas e as dificuldades de aprendizagem, conseqüentemente, também, terão conotações diferentes para cada professor, pois o modo de encará-los será distinto, também.

A relação entre afetividade e aprendizagem pelo viés da relação professor-aluno tem espaço no discurso dos professores, mas se manifesta em sua prática pedagógica distintamente, conforme o percentual obtido de 67%, das respostas dos alunos em relação aos momentos em que os mesmos expressam suas opiniões às vezes durante a aula - questão 6 .

A afetividade permeia as interações ocorridas aos conteúdos trabalhados, a organização da sala e outros aspectos dessa dinâmica -ensinar e aprender. Ao focar o aspecto prazeroso da aprendizagem, implicitamente indica que o ato de ensinar deve ser repleto de afetividade – questão 4 e 5 .

Comparando estes aspectos pelo grau de importância, pode-se afirmar que um dos aspectos mais importantes na avaliação da aprendizagem para os professores é a disposição do aluno para aprender com o percentual de 25% e também com 21% a motivação no processo ensino-aprendizagem – questão 6. A relação professor e aluno são condições necessárias para a ocorrência do processo da aprendizagem. O professor é também responsável por despertar o interesse do aluno, além de promover a conscientização em relação ao conhecimento no sentido amplo do termo. Um espaço educativo repressivo, inibidor, autoritário, dificilmente, permitirá que a aprendizagem seja prazerosa, e conseqüentemente, significativa.

Refletindo sobre o papel da motivação na dupla professor-aluno, ensino-aprendizagem, é possível inferir que não só os fatores externos interferem no processo, como também a satisfação de quem ensina e de quem aprende. Mais uma vez, é perceptível que a sala de aula deve ser um espaço gostoso, bom de estar pelo contexto não somente físico e material, mas também social – prazer de estar com as pessoas que dele fazem parte, em especial, os alunos.

Relevante ainda, neste levantamento, foi o resultado obtido da questão 7 , na qual os alunos em sua grande maioria 96% afirmaram que o bom relacionamento com o professor ajuda a aprender. Para o professor o aluno ideal seria o participativo com 21% das respostas, criativo e curioso com 17%, investigativo e com muita vontade de

aprender ambos com 13% das respostas. O aluno ideal teria uma atitude muito mais ativa em relação ao conhecimento ao professor e as condições de ensino. Ambos estariam envolvidos como iguais na relação, havendo uma conquista mutua entre eles. O diálogo e a simpatia seriam a tônica da relação entre ambos, e esta não se restringiria a situação de ensino.

Em contrapartida o aluno inconveniente seria um espectador que consideraria o professor como agente da situação de ensino, delegando a ele a responsabilidade pelo seu aprendizado. O aluno apático obteve 23% das marcações, seguida do preguiçoso 22% ,desinteressado 16% e o agressivo com 13% - questão 8.

Para a grande maioria dos alunos a ajuda dos professores diante das dificuldades que eles tem em aprender, foi bem acentuada 63% dos alunos afirmaram que os professores ajudam muito – questão 3. A relação do professor com o aluno é condição necessária para a efetivação do processo de ensino. O professor que não domina o que sabe não conquista o aluno.

O aluno assume sua condição com base no vínculo que estabelece com o professor. Esse vínculo é a pedra angular que sustentará todas as suas ações na situação de ensino, sua posição como aprendiz, liderado e questionador. O vínculo seria, para o aluno, condição para agir na situação funcionando assim, tanto para sua participação como para sua não-participação, dependendo de sua natureza. Para 50% dos alunos questionados o professor é amigo quando conversa com ele, sendo interessante que 18% dos alunos responderam que o professor é amigo quando briga com a turma devido ao mau comportamento demonstrando assim a necessidade de estabelecer limites no convívio escolar – questão 4.

Depender do professor e exigir dele carinho seriam ações específicas do aluno da 1ª a 4ª série, o que cria uma ligação afetiva muito forte. A exigência de atenção exclusiva e a facilidade do aluno de sofrer influência do professor. O aluno aprende através da admiração e da imitação. Demonstrando que 44% tem sentimento de respeito com o professor e 25% sentimento de carinho e somente 1% sentia ódio com relação ao professor – questão 5.

O professor ideal na opinião dos alunos seria aquele que explica bem 57% – questão 8, que induz o aluno a ter vontade de aprender. Mostrando a importância da escola e qual seria o seu papel. O professor foi visto como transmissor de conhecimentos

O sujeito apropria-se, pelo convívio com outros indivíduos, das aquisições desenvolvidas, pela cultura em que está inserido e torna-se autônomo, individualiza-se à medida que passa a ter domínio sobre elas. É importante para o professor respeitar e oportunizar ao aluno momentos onde ocorrem a aprendizagem seja em grupo, individual ou em casa, as respostas dos alunos em relação de que forma ele aprende, foi bastante balanceada 37% em grupo, 29% individualmente, 24% em dupla e 10% em casa.

Quando foi perguntado ao aluno como seria o perfil do professor chato também houve um equilíbrio nas respostas escolhidas, em primeiro lugar demonstrando a necessidade do aluno de construir relações afetivas e cognitivas quando escolhem as alternativas no que diz respeito ao professor mal humorado com 18%, em segundo lugar o que deixa o aluno de castigo, que não explica as atividades e não deixa o aluno participar com 15 % das escolhas cada um, em terceiro lugar com 13% o que não gosta de conversa e em quarto lugar o professor que não repete a explicação com 11% das escolhas – questão 10.

Os professores possuem uma arma: o vínculo afetivo, que podem estabelecer com seus alunos. Deve fazer deste vínculo uma arma para manter o aluno na escola e acabar com o fracasso escolar. As ações do professor exercem influências sobre os alunos, existindo um vínculo de dependência deste em relação aquele. Esta dependência pode perpetuar-se ou romper-se, na medida em que se promova ou não a autonomia do aluno em relação ao conhecimento.

De um modo geral, nesse grupo pesquisado, a clareza da relação entre interações de sala de aula e ensino-aprendizagem numa perspectiva afetiva é notada. Dessa forma, subtede-se que o professor tem noção da significação da afetividade no contexto escolar, embora por vezes, não efetivamente as relações em sala sigam esse curso, em especial o professor como um agente importante no desenvolvimento cognitivo do aluno. Ensinar resultaria em transferência, uma relação a dois, ou seja, ensinar é seu aspecto relacional.

CONCLUSÃO

Falar de educação, ensino, aprendizagem, sala de aula, professor, aluno, desenvolvimento, implica em perceber todos os aspectos que dele fazem parte, que nele interferem e também, o determinam. O papel que os personagens do contexto educacional exercem e tem uma função importante para o ensino e para a aprendizagem.

A forma de tratar os problemas surgidos ao longo do caminho definem o curso do processo. Eles podem ter mais importância uns sobre outros, ou podem passar despercebidos, ou podem ser discutidos, analisados, suprimidos. Em toda a dinâmica que envolve professor e aluno é claro que as suas relações afetivas e cognitivas afetam profundamente o como, o porque e para que fazer em educação.

Dessa forma, o papel da afetividade nas relações com a aprendizagem em sala de aula tem peso considerável quando entendido a importância do desenvolvimento pessoal de cada ser humano.

Não significa ser paternalista, colocar o aluno no colo, dar carinhos, ou querer resolver todos os problemas inerentes ao contexto educativo, ou ainda, querer carregar o mundo nas costas, antes pelo contrário, requer uma conduta um pouco mais afetiva, mais afeição com o ato de ensinar, respeitando o aluno, oferecendo condições para que ele expresse suas opiniões, criando um ambiente de confiança entre ambos.

A construção de relações sólidas e significativas em sala, faz do professor principalmente, por ser ele o articulador dos conhecimentos que são produzidos, individuais e coletivamente, um agente vital no processo. Vital porque sobre ele repousa a confiança e segurança de crianças em processo de formação de sua personalidade, desenvolvimento de habilidades, de constituição do ser cidadão. Quanto mais interativo, afetivo for o ambiente de sala de aula, melhor será o ensino, mais significativa será a aprendizagem, mais qualidade terá a educação.

Não podemos nos esquecer que o ser humano é, sobretudo um ser social e desde o nascimento está cercado por pessoas com as quais estabelece as formas mais

simples de interação, como, por exemplo, quando chora ao sentir fome ou dor atraindo para si a atenção dessas pessoas, e durante o seu crescimento e desenvolvimento vai gradativamente fortalecendo essas relações, escolhendo para si os referenciais de vida.

É a qualidade da relação afetiva que permite ao professor chegar o mais perto possível da realidade de seus alunos, mantendo estreita relação com suas famílias, conquistando parceiros de força e luta. E como consequência gerando resultados significativos na aprendizagem de seus alunos. Talvez por desconhecer a definição de afetividade na relação professor e aluno, este tema tenha sido esquecido, ou causado algum desconforto em professores, visto que muitos autores já abordavam a afetividade e sua importância no processo ensino-aprendizagem desde o início do século passado.

Por fim, por mais que durante muito tempo a visão tradicionalista dominadora nas escolas que separava afetividade de aprendizagem não permitisse um olhar diferenciado e reflexivo sobre sua importância no processo ensino-aprendizagem, hoje mesmo que discretamente, já se percebem mudanças. Mudanças que apontam para uma nova tomada de posição diante do ensino, da aprendizagem, da educação. É uma luz no fim do túnel, pois, embora diante de um mundo quase que mecanizado, onde os seres humanos por vezes parecem insensíveis, está acontecendo em tempo um despertar sobre a consistência humana, ela é imbuída de sentimentos.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ana Rita Silva. *A emoção na sala de aula*. Campinas, SP, Papirus, 1999.

COX, Maria Inex Pagliarini. ASSIS-PETERSON, Ana Antonia de (orgs.). *Cenas de sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa*. SP: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Maria Tereza A. *O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

GALVÃO, Izabel. *Henri WALLON; UMA CONCEPÇÃO DIALETICA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL*, Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1995.

HARRY, Daniels. *Vygotsky e a pedagogia*. SP: Loyola, 2003.

MAHONEY, Abigail Alvarenga, et al. *Psicologia e educação*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2000.

MOSQUERA, Juan José Mourinô. *Psicologia Social do Ensino*. Porto Alegre: Sulina, 1973.

REGO, Tereza Cristina. *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1995.

SALTINI, Cláudio J. C. *Afetividade e Inteligência*. Vol 1, DP&A, Editora, Rio de Janeiro, 1997

SISTO, Fermino, Fernandes, org. *O cognitivo, o social e o afetivo no cotidiano escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1999

WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. 5ª edição, São Paulo, Pioneira, 1997.

ANEXOS

Anexo 1

QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

- Não é necessário identificar-se.

Objetivo : Este questionário faz parte da metodologia utilizada em projeto de pesquisa investigativa e constará no trabalho final (monografia).

1 – Você conhece a abordagem teórica acerca do desenvolvimento infantil, de :

☐ Jean Piaget

☐ Levi Vygotsky

☐ Henri Wallon

2 – Enumere por ordem de importância (crescente de 1 até 6) os fatores apresentados a seguir considerados no processo ensino / aprendizagem .

<input type="checkbox"/> Interação de sala de aula	<input type="checkbox"/> Participação da família
<input type="checkbox"/> Conteúdos escolares	<input type="checkbox"/> Mediação pedagógica
<input type="checkbox"/> Práticas avaliativas	<input type="checkbox"/> Disposição do aluno para aprender

3- Você acha que existe relação entre afetividade e inteligência:

☐ muito

☐ nenhuma

☐ muito pouco

☐ às vezes

☐ pouco

4 – Acompanhando o desenvolvimento das crianças, para você, professor, qual desses aspectos considera com mais ênfase?

☐ afetivo

☐ motor

☐ cognitivo

5 – A qualidade das relações que se dão em sala de aula podem interferir no processo ensino/ aprendizagem:

☐ Interfere muito

☐ Interfere

☐ Interfere pouco

☐ Não interfere

6 – Dentre os aspectos abaixo, que podem ser considerados na avaliação da aprendizagem, enumere (em ordem crescente de 1 à 7) por ordem de importância :

☐ interações na sala de aula

☐ realização das tarefas

☐ habilidades cognitivas

☐ disposição do aluno para aprender

☐ metodologia de ensino

☐ motivação no processo ensino/ aprendizagem

☐ participação em sala

7 – Como é o aluno ideal para você? Escolha 4 itens :

☐ participativo

☐ solidário

☐ criativo

☐ com muita vontade de aprender

☐ indisciplinado

☐ organizado

☐ inteligente

☐ disciplinado

☐ curioso

☐ extrovertido

☐ investigador

☐ tímido

☐ com dificuldade de

aprendizagem

8- Como é o aluno inconveniente para você? Escolha 4 itens:

☐ irônico

☐ agressivo

☐ distraído

☐ falante

☐ desorganizado

☐ indisciplinado

☐ preguiçoso

☐ apático

☐ desinteressado

☐ questionador

☐ investigador

☐ inconveniente

ANEXO 2**QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS**

- Não é necessário identificar-se

Objetivo: Este questionário faz parte da metodologia utilizado em projeto de pesquisa investigava e constará no trabalho final (monografia).

1 – Como é o seu relacionamento com o seu professor (a):

☐ ótimo

☐ ruim

☐ muito bom

☐ péssima

☐ bom

2 – Como é a sua participação na sala de aula no momento da realização das atividades:

☐ muito boa

☐ regular

☐ excelente

☐ ruim

☐ boa

☐ péssima

3 – O seu professor te ajuda diante das dificuldades que você tem em aprender um determinado assunto :

☐ ajuda muito

☐ às vezes ajuda

☐ ajuda

☐ não ajuda

4 – O professor é amigo quando :

☐

conversa com você

☐

briga com a turma devido ao mau comportamento

☐

dialoga com a turma

☐

não existe professor amigo

☐

brinca no final da aula

5 – Qual é o seu sentimento em relação ao seu professor? Escolha 2 itens:

☐

raiva

☐

amor

☐

medo

☐

carinho

☐

timidez

☐

respeito

☐

ódio

6 – Durante a aula existe momentos em que você expressa suas opiniões?

☐

freqüentemente

☐

muito pouco

☐

às vezes

☐

não expresso

7 - Você acha que o bom relacionamento com o seu professor te ajuda a aprender?

☐

sim

☐

Não

8 - Como é o professor ideal para você ?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> explica bem | <input type="checkbox"/> brinca muito |
| <input type="checkbox"/> criativo | <input type="checkbox"/> não gosta de conversas |
| <input type="checkbox"/> cria momentos para você participar | <input type="checkbox"/> deixa de castigo |
| <input type="checkbox"/> explica muito | <input type="checkbox"/> divertido |
| | <input type="checkbox"/> organizado |

9 – Você aprende mais quando :

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> trabalha em grupo | <input type="checkbox"/> trabalha em casa |
| <input type="checkbox"/> trabalha individualmente | <input type="checkbox"/> trabalha em dupla |

10- Como é o professor chato para você? Escolha 4 itens:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> deixa de castigo | |
| <input type="checkbox"/> mal humorado | <input type="checkbox"/> não gosta de conversas |
| <input type="checkbox"/> não explica | <input type="checkbox"/> conversa demais |
| <input type="checkbox"/> não repete a explicação | <input type="checkbox"/> brincalhão |
| <input type="checkbox"/> muito organizado | <input type="checkbox"/> que não deixa o aluno participar |

